



UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA/UEPB - CAMPUS I
DEPARTAMENTO DE LETRAS E ARTES
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LITERATURA E ESTUDOS
INTERCULTURAIS
MESTRADO EM LITERATURA E INTERCULTURALIDADE

FABIELLE TAVARES DE SOUZA

MARIA BONITA ENCONTRA GABRIELA NA BAHIA:
UMA REPRESENTAÇÃO DA AUTOTRASCENDÊNCIA NAS PERSONAGENS
NORDESTINAS

CAMPINA GRANDE

2022

FABIELLE TAVARES DE SOUZA

**MARIA BONITA ENCONTRA GABRIELA NA BAHIA:
UMA REPRESENTAÇÃO DA AUTOTRASCENDÊNCIA NAS PERSONAGENS
NORDESTINAS**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação em Literatura e Interculturalidade da Universidade Estadual da Paraíba, como requisito à obtenção do título de mestra.

Área de concentração: Literatura e Hermenêutica

Orientador: Prof. Dr. Gilvan de Melo Santos

CAMPINA GRANDE

2022

É expressamente proibido a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano do trabalho.

S729m Souza, Fabielle Tavares de.
Maria Bonita encontra Gabriela na Bahia [manuscrito] :
uma representação da autotranscendência nas personagens
nordestinas / Fabielle Tavares de Souza. - 2022.
90 p.

Digitado.

Dissertação (Mestrado em Literatura e Interculturalidade) -
Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Educação , 2022.

"Orientação : Prof. Dr. Gilvan de Melo Santos ,
Departamento de Letras e Artes - CEDUC."

1. Logoterapia. 2. Análise existencial. 3.
Autotranscendência. I. Título

21. ed. CDD 155.2

FABIELLE TAVARES DE SOUZA

**MARIA BONITA ENCONTRA GABRIELA NA BAHIA:
UMA REPRESENTAÇÃO DA AUTOTRASCENDÊNCIA NAS
PERSONAGENS NORDESTINAS**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós- Graduação em Literatura e Interculturalidade da Universidade Estadual da Paraíba, como requisito à obtenção do título de mestra.

Área de concentração: Literatura e Hermenêutica

Aprovada em: 14/09/2022

BANCA EXAMINADORA



CS CamScanner

Prof. Dr. Gilvan de Melo Santos (Orientador)

(PPGLI – UEPB)



Prof.^a Dr.^a Maria Simone Marinho Nogueira

(PPGLI – UEPB)



Prof.^a Dr.^a Josevania da Silva

(PPGPS – UEPB)

Às mulheres nordestinas.

AGRADECIMENTOS

A Deus, por tudo isto - “[...] *há tempo para todo o propósito debaixo do céu*” (*Eclesiastes 3:1*);

Àquela menina que adorava os livros e sonhava em ser professora para continuar adorando-os - “*Quem gosta de ler não morre só*” (*Ariano Suassuna*);

Aos meus pais, Francisco José & Ana Lúcia; a minha irmã, Fábria: sempre pelo amor e por acreditarem no fascínio da educação; ao meu sobrinho, Théo: que o seu nome esteja aqui para incentivo de que o mundo da leitura também seja teu; a Gutierre Alves: pelo carinho por mim e incitamento ao universo do aprendizado; e a “dona” Alberina: pela fé nas promessas à Virgem dos Pobres, de Lagoa Seca/PB - “*O amor não se prova, nem se mede. Existe, isso basta*” (*Jorge Amado*);

À minha pequena grande cidade: São José dos Cordeiros/PARAÍBA, (a)onde aprendi a ser uma mulher nordestina - “*O meu viver é certo, no meu Cariri*” (*Marinês*);

A Viktor Emil Frankl: pela existência da Logoterapia e Análise Existencial; e a Jorge e a Jairo, pela Literatura do Nordeste - “*A felicidade é como uma borboleta. Quanto mais você a persegue, mais ela foge. Mas se você voltar sua atenção para outras coisas, ela vem e pousa gentilmente em seu ombro*” (*V. Frankl*);

À Universidade Estadual da Paraíba/UEPB; a Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior/CAPES; e ao Programa de Pós-graduação em Literatura e Interculturalidade/PPGLI (Coordenação: em suas representações / Secretária: na disposição de Thelma Cardoso / Docentes: no retrato de Rosilda Alves – *in memoriam* / Estágio: Pamela Gonzaga / Bancas: Simone Marinho - Edmundo Gaudêncio – Josevania da Silva – Fabíola Medeiros) pelo aperfeiçoamento e pela oportunidade, mais pelas vivências sou grata – “*Seja princesa ou seja lavadeira, pra ir mais alto vai ter que suar*” (*Flávio José*);

A Gilvan Santos, pela abertura e por (me) abraçar com sentido (n)este trabalho, mas principalmente por respeitar o meu ‘tempo, tempo, tempo, tempo...’ e por confiar em mim – “*Fugir da dor é fugir da própria cura*” (*Titãs*);

À minha psicóloga, pela sensibilidade e crença de que isto seria possível e de que eu também sempre posso ser – “*De modo que o meu espírito ganhe um brilho definido [...] e eu espalhe benefícios [...] O que usaremos pra isso fica guardado em sigilo [...] apenas contigo e comigo...*” (*Caetano Veloso*);

Àqueles (amigos, companheiros, colegas) que encontrei pelo caminho e olvidei destacar: presto-lhes gratidão - “*Porque sei, não esqueci*” (*Jairo Mozart*).

*Não, senhor, ninguém pode apagar as palavras
que eu escrevi.*

(Carolina Maria de Jesus)

RESUMO

A partir de uma relação possível entre o saber advindo da literatura, e àquele vindo da leitura hermenêutica, é facultado ao campo literário e intercultural abordar a autotranscendência em personagens nordestinas. Para isso, o referido estudo acadêmico elenca como *corpus* exemplificador as personagens Maria Bonita e Gabriela; respectivamente, presentes no cordel Maria Sempre Bonita do cordelista paraibano Jairo Mozart, e no romance Gabriela, Cravo e Canela do autor baiano Jorge Amado. Outrossim, a base teórico-prática do trabalho consiste na Logoterapia e “Análise Existencial” cunhadas por Viktor Emil Frankl (1905-1997), para quem o ser humano, essencialmente, busca sentido e o pode preencher concretamente no mundo; ademais, conta com o suporte metodológico da Análise de Conteúdo, de Laurence Bardin. Destarte, o conceito frankliano de autotranscendência - enquanto movimento de “saída de si e encontro a algo ou alguém” - explanado por Frankl e nomes como o de Efrén Ortiz, seguirá como ponto analítico e elo discursivo para o “encontro” entre Maria Bonita e Gabriela. Assim, através das nuances de diferenciação, afetação e entrega; e dos valores existenciais de vivência, criação e atitude, as expressões literárias permite-nos, como objetivo, refletir a autotranscendência como um fenômeno humano que também pode ser notado em protagonistas sertanejas.

Palavras-chave: Maria Bonita; Gabriela; Logoterapia; Análise Existencial; Autotranscendência.

RESUMEN

A partir de una posible relación entre saberes de la literatura y saberes de la lectura hermenéutica, se fortalece el campo literario e intercultural para abordar la autotranscendencia en personajes nororientales. Para ello, o referido, el estudio académico cataloga como *corpus* ejemplar a los personajes María Bonita y Gabriela; respectivamente, presentes en el hilo Maria Semper Bonita, del paraibano Jairo Mozart, y en la novela Gabriela, Cravo e Canela, del bahiano Jorge Amado. Además, una base teórico-práctica de trabajo consiste en la Logoterapia y el "Análisis Existencial" creados por Viktor Emil Frankl (1905- 1997), para que como ser humano, esencialmente, busque sentido y/o pueda percibir concretamente el mundo; Además, cuenta con el apoyo metodológico del Content Analysis de Laurence Bardin. Así, o bien el concepto frankliano de autotranscendencia -como movimiento de "fuera de encontrar algo o a alguien"- explicado por Frankl y nombres como Efrén Ortiz, continuará como punto analítico y nexa discursivo para o "encontré" entre María Bonita y Gabriela. Así, a través de los matices de diferenciación, cariño y entrega; Los dos valores existenciales de la experiencia, la formación y la actitud, las expresiones literarias nos permiten, con el objetivo, reflexionar sobre la autotranscendencia como fenómeno humano que también puede percibirse en protagonistas rurales.

Palabras llave: María Bonita; Gabriela; Logoterapia; Análisis Existencial; Autotranscendencia.

LISTA DE QUADROS

QUADRO 1	40
QUADRO 2	40

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	9
2 A ANÁLISE EXISTENCIAL DE VIKTOR FRANKL: “O LUAR DO SERTÃO”	13
2.1 “A FLOR DO LÍRIO” FRANKLIANA: A AUTOTRASCENDÊNCIA	13
2.2 “CRIAR, VIVENCIAR E AGIR”: VERBOS VALORATIVOS DO SER	18
3 MARIA BONITA E GABRIELA: “XOTE DAS MENINAS”	23
3.1 “ELA, GABRIELA”: AMADA NA LITERATURA DE JORGE AMADO	23
3.2 CANGAÇO NO CORDEL, A “BELA MARIA” DOS FOLHETOS	28
4 REFLEXÕES ACERCA DE UM ENCONTRO ÉPICO: “AQUARELA NORDESTINA”	39
4.1 “FACES E FASES”: RECORTE METODOLÓGICO	39
4.1.1 “ACORDA MARIA BONITA: (QUE) O DIA JÁ VEM RAIANDO”	41
4.1.2 “EU (NÃO) NASCI ASSIM, EU SOU MESMO ASSIM”: GABRIELA	55
4.2 “BAIÃO DE DUAS”: RESULTADOS E DISCUSSÕES	67
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS	70
REFERÊNCIAS	73
ANEXOS	77

1 INTRODUÇÃO

A vida é a arte do encontro, embora haja tanto desencontro pela vida.

(Vinícius de Moraes)

No tocante à abordagem de obras literárias é permitido fomentar diálogos hermenêuticos, como entre o romance escrito por Jorge Amado: *Gabriela, cravo e canela*; e um cordel composto por Jairo Mozart: *Maria Sempre Bonita*. Para tanto, delimitou-se como propulsor do presente estudo o pensar as duas personagens nordestinas (Gabriela e Maria Bonita) a partir da base teórico-prática denominada por Viktor Emil Frankl de “Logoterapia e Análise Existencial”¹, mais precisamente, desse campo analítico e do conceito de “autotranscendência”².

Assim, os feitos narrativos de Gabriela, e a trajetória - presente de forma biográfica e cordelística - de Maria Bonita provocam o surgimento de um estudo de base logoterápica que pode destacar o fenômeno da autotranscendência em ambas protagonistas, haja vista que elas são construções da imaginação humana e também inspiradas em histórias possíveis na própria existência.

Destarte, a escolha da autora por dar continuidade à Licenciatura em Letras - com ênfase em Literatura; assim como ao Bacharelado em Psicologia - na vertente logoterapêutica; e o seguimento na Especialização em Logoterapia e Saúde da Família contribuíram no encantamento por este trabalho. Demarca-se que, a curiosidade pela temática intensificou-se à medida em que as leituras e reflexões facilitaram salientar um encontro fecundo entre as expressões de Maria e Gabriela, na Bahia de tempos retrógrados, e hoje.

Aliás, Pintos (1999, p. 12) pontua que o próprio Frankl abordava a relevância da Arte e da Leitura na vida, pois para ele, tanto os livros quanto as experiências deles derivativas podem emanar à “biblioterapia” - ligada ao efeito harmônico cuja a

¹ Segundo Viktor Frankl (2014, p. 55-56) “A logoterapia e a análise existencial são, respectivamente, aspectos de uma mesma teoria”. A logoterapia é “um método de tratamento psicoterápico”; e a análise existencial “uma corrente antropológica de pesquisa”. O *logos* seria o próprio “sentido e elemento espiritual”, e na analítica explicativa, o existir tem significado de “modo de ser” único e intransponível.

² Autotranscendência: “orientação fundamental do homem para o sentido; é a essência da existência humana, considerando que o ser humano está sempre orientado para alguém ou algo que não seja ele mesmo. Na medida em que nos rendemos ao mundo esquecendo nossas próprias necessidades, na medida em que percebemos um sentido e desenvolvemos valores, só nessa medida nos autorrealizamos, porque a existência que não tende para o logos, mas para si mesma falha e cai em frustração existencial”. Cf. M. GUBERMAN e E. P. SOTO, Dicionário de Logoterapia, 2005, p. 24.

vivência leitora pode incitar-nos no caminho para o “sentido”. Outrossim, as apreciações dos textos de Frankl e de seus predecessores permite-nos dizer que em personagens como Maria Bonita e Gabriela podem conter entonações vívidas de transcendência. Nesta pauta, ressalta-se a importância da pesquisa, ao passo em que pretende-se retratar a autotranscendência exemplificada na *Maria Bonita* do cordel e na *Gabriela* do romance.

Destaca-se, portanto, o clássico ficcional sobre *Gabriela*, um dos mais célebres da obra amadiana, quiçá, o mais aclamado mundialmente - que situa-se em meados dos anos 1920, quando a expansão cacaueteira se fundia nas transformações da cidade baiana Ilhéus sendo cenário e espaço narrativo das tramas da moça; e após uma década de distância histórica encontra-se a figura quase viva de Maria Gomes de Oliveira ou Maria de Déa, mas que era mesmo a *Maria Bonita* - que sonha com o Cangaço no Nordeste à época de 1930.

O objetivo principal do estudo é: analisar com base na hermenêutica de Viktor Frankl o fenômeno da autotranscendência nas protagonistas Maria Bonita e Gabriela; destacar manifestações de transcendência partindo dos versos do cordel *Maria Sempre Bonita* e da prosa em *Gabriela, cravo e canela*; representar a autotranscendência das personagens nordestinas partindo de Maria Bonita e de Gabriela.

Ressalta-se, portanto, que o *corpus* exemplificador da análise contextualiza-se em meados de 1958 (quando houve a primeira publicação de *Gabriela, cravo e canela*), e respectivamente, ano 2015 (escrita e lançamento do cordel *Maria Sempre Bonita*). Neles, notar-se-á a saída de si para algo/alguém provocada pelo movimento de abertura da dimensão noética/espiritual – explicitada no decurso deste estudo - como parte dos fenômenos humanos e que pode ser abordado hermeneuticamente partindo de personagens literárias, artísticas e culturais.

E para isto, o procedimento de análise que servirá de suporte no desenvolvimento do estudo será o bibliográfico-crítico lincado ao aporte teórico sobre a Análise Existencial proposta por Viktor E. Frankl. Recorre-se ainda à pesquisa de cunho qualitativo, ao embasar os constructos logoterápicos da “Autotranscendência” na perspectiva de esmiuçar metodologicamente as categorias analíticas que possam ser extraídas das referidas obras, sob o viés da análise de conteúdo de Laurence Bardin.

Assim, para a finalidade de situar o leitor e subdividir o trabalho de forma que

se forme uma 'teia imaginária' que constrói o elo entre as protagonistas, o estudo conta com 3 (três) capítulos que disseminam-se da seguinte maneira: O primeiro visa salientar a Logoterapia e Análise Existencial frankliana, onde serão apresentados os fundamentos que compõem a sua analítica, com ênfase na auto-transcendência e suas ramificações: diferenciação, afetação e entrega; e no 'valor': criação, vivência, e atitude – compondo *A Análise Existencial de Viktor Frankl: "O Luar do Sertão"*.

O segundo capítulo, por sua vez, intitula-se *Maria Bonita e Gabriela: "Xote das meninas"*, no qual apresenta-se a literatura enquanto saber que move a existência humana; pontua-se alguns exemplos analíticos realizados sobre *Gabriela* entre os anos 2016 e 2020; e foca-se no enredo da obra amadiana. Em contraponto, tem-se a breve biografia do cordelista Jairo Mozart (responsável por compor *Maria Sempre Bonita*) aliada à historicidade e características do gênero *cordel* no Nordeste; à temática do cangaço e à aparição da mulher neste movimento – com destaque para a figura de Maria Bonita.

E, por fim, tem-se a aplicação dos conceitos no aspecto de metodologia nas *Reflexões acerca de um encontro épico: "Aquarela Nordestina"* em "Acorda Maria Bonita: (que) o dia já vem raiando", e "Eu (não) nasci assim, eu sou mesmo assim": Gabriela³. O leitor notará que nos títulos e subtópicos como (O Luar do Sertão; Flor do Lírio; Xote das Meninas e Aquarela Nordestina) há 'rastros' das canções de Luiz Gonzaga (1912 – 1989), o Rei do Baião, artista pernambucano por nós homenageado e por todos lembrado - pela difusão da Literatura e da Interculturalidade através da Música.

Assim sendo, a memorável *Gabriela* com sua inocência quase cínica, e a bravura incontestável de *Maria Bonita* convidam-nos ao encontro em uma Bahia que se desnuda no perfume de Gabriela e na peixeira de Maria, mas que se coadunam em algum ponto de limiar mais atual do que nunca: seja na busca por melhores condições socioeconômicas, ou pela justiça social, a igualdade, a melodia do amor.

Disso, os traços comuns no aspecto autotranscendente nas protagonistas favorece-nos perpassá-las pela hermenêutica de Frankl quanto à existência humana. Desse modo, a partir da teoria frankliana sobre o sentido ver-se-á a possibilidade de encontrar manifestação de autotranscendência em ambas personagens nordestinas:

³Respectivamente em referência às músicas: "Acorda Maria Bonita" (1957) – do cangaceiro sergipano, Antônio dos Santos, o Volta Sêca; e "Modinha para Gabriela" (1975) – do compositor baiano, Dorival Caymmi.

a literatura e a arte em suas imbricações retratadas em *Maria* e *Gabriela*, e comumente, aos sentidos concretizáveis na existência delas e de tantas “Gabrielas” e “Marias” representadas em nosso próprio existir.

2 A ANÁLISE EXISTENCIAL DE VIKTOR FRANKL: “O LUAR DO SERTÃO”

Perpassados pelo apontamento introdutório, incluindo objetivos, procedimentos metodológicos e dados o desdobramento e a justificativa do trabalho, segue-se para o primeiro capítulo. Nesta parte inicial aborda-se a relevância das vivências de Frankl como basilar à antropologia da “pessoa” que transcende. Além disso, apresenta-se a “Análise Existencial” pautada na ontologia dimensional de V. Frankl, especialmente no que tange a destacar também a dimensão especificamente humana *noética/espiritual* (de onde emana a “flor do lírio” frankliana: a autotranscendência - tecendo àquilo que difere-nos dos outros (diferenciação), nos afeta (afetação), e ao que/ou a quem nos entregamos (entrega)).

No tema que se segue, ilustram-se os seguintes pilares: a liberdade da vontade; a vontade de sentido; e o sentido da vida; bem como as vias/os verbos valorativos do ser: seja pela criação no mundo; pela contemplação vivencial; e/ou pela atitude (esses últimos conforme os aportes de *Joseph Fabry (1984); Viktor Frankl (2016/2020); e Santos, Barbosa e Aquino (2021)*). Assim, estarão postos os conceitos que perpassarão a análise hermenêutica em *Gabriela, cravo e canela* e *Maria Sempre Bonita*.

2.1 A “FLOR DO LÍRIO” FRANKLIANA: A AUTOTRASCENDÊNCIA

O ser humano sempre aponta para algo além de si mesmo, para um sentido que se deve cumprir, ou para um outro ser humano, a cujo encontro nos dirigimos com amor.

(Viktor E. Frankl)

O neurologista, psiquiatra e filósofo vienense Viktor Emil Frankl (1905 - 1997) teve experiências como prisioneiro (nº 119.104) de quatro campos de concentração no advento da Segunda Guerra Mundial⁴, (a)onde viu-se apelado a encontrar sentido no sofrimento, pois, já que não podia controlar e modificar as circunstâncias daquela

⁴ Sabe-se que a ‘segunda grande guerra’ (1939 – 1945) exterminara milhões de judeus, dentre eles familiares de Frankl, que, conforme os nazistas, contrariavam os aspectos “puros e superiores” da raça ariana.

situação vivenciada, ele era conduzido, interna e externamente, a mudar a si mesmo e a transcender.

Anteriormente, em outras fases da vida de Frankl, os conceitos que viriam a fundar o que tornar-se-ia “Logoterapia e Análise Existencial” já despontavam em sua jovem mente. Foi então que a Logoterapia que se propunha a ser a terapia através do “sentido” constituiu-se enquanto um sistema psicoterapêutico fincado e focado no “dever ser” da pessoa, e, a analítica da existência, uma hermenêutica antropológica do ‘homem’ na qual ele é livre, responsável e aberto ao encontro com o sentido, esse, *per sí*, posto no mundo.

Aqui, pensando na construção de um panorama da explicação existencial (do ser que busca e pode preencher sentidos) fundada por Viktor Frankl e ampliada por nomes como Elisabeth Lukas, Efrén Ortiz, Paulo Kroeff, Joseph Fabry, Izar Xausa, Gutenberg Barbosa, Ivo Studart, Gilvan Melo, destacam-se conceitos primordiais que possam clarificar uma compreensão da teoria frankliana.

De início, Frankl (1991, p. 62) destaca que “[...] o autodesenvolvimento da existência pessoal sempre acontece por meio da biografia”, ou seja, conforme Santos, Barbosa e Aquino (2013, p. 19) a definição de ser humano deve ser feita pensando-o como um ser que vai responsabilizando-se, transcendendo e deparando-se com o que não pode evitar, nem tampouco controlar. Isto é, ao passo em que vai fazendo escolhas e respondendo ao sentido em cada momento concreto e específico de vida, ele é sujeito em liberdade e responsabilidade circundado pela dita “ontologia dimensional” ou mais especificamente, inscrito em suas dimensões constitutivas: biológica/física, psicológica/psíquica e noológica/noética/espiritual.

Para o fundador desta Análise Existencial, a dimensão “noética/espiritual” seria aquela especificamente humana, que ao mesmo tempo em que se relaciona com a física e a psíquica, permite a expressão de recursos que colaboram para uma melhor expansão das potencialidades da pessoa: estaria aqui composta a visão ontológica frankliana.

Neste íterim, é relevante ao entendimento analítico existencial, bem como para não haver miscelânea entre os termos, marcar a “distância” entre a dimensão do espírito apresentada por Frankl; e a espiritualidade relacionada à crença/fé: como dito por Ivo Studart Pereira (2015, p. 390) quando aponta que “[...] na obra de Frankl (o espírito) não possui qualquer acepção a cunho religioso”, sendo este o motivo pelo qual ele foi aos poucos substituindo (espiritual) por “noológica” ou “noética” a partir do

vocábulo grego “nous”, que, [...], é também uma fonte semântica tradicional da noção de espírito”. Outrossim:

O que nós compreendemos como dimensão noológica se refere a uma conceituação antropológica, muito mais do que teológica. Além de denotar “sentido”, “logos” aqui significa ‘espírito’ [...]. [...] significa a humanidade do ser humano e o sentido de ser humano! (FRANKL, 1988, p. 17 apud PEREIRA, 2015, p. 390).

Neste sentido, o homem concebido no termo geral de ser humano seria o único ser capaz de lançar-se para fora de si, graças a este outro constituinte ontológico (acrescido por Frankl) que o funda e que não adocece, pois não está no plano dos demais planos - biológico/psicológico - passíveis de adoecimento. Concordando, Efrén Ortiz (2012, p. 88-89) diz que seria então por intermédio da dimensão noética que a pessoa pode transcender as suas limitações “psicofísicas” e vir a preencher lacunas de sentido apresentadas em situações palpáveis de sua existência.

Então, segundo Frankl (2016a, p. 16) a autotranscendência: “[...] sempre aponta para algo que não é ela própria [...], pois o ser humano só se torna realmente ser humano e é totalmente ele mesmo onde ele se entrega na dedicação a uma tarefa, no serviço a uma causa ou no amor a uma outra pessoa, [...]”; assim, nas palavras de Fabry (1984, p. 145-146), autotranscendência é uma potencialidade genuína do ser de sair de si, na ação a um outro ser amistoso ou em prol de algo pelo qual se sinta sensibilizado, tendo em vista que ela envolve todas as zonas onde haja sentido, tais como “o autoconhecimento e a unicidade”.

Corroborando, Kroeff (2012, p. 67-68) parafrasea que é pela capacidade de autotranscender de uma pessoa concreta que se possibilita o sentido na vida diante de uma situação igualmente tangível, pois esse sentido, apesar de depender de uma ação subjetiva, não está na pessoa, mas no mundo, sendo portanto, necessário que a pessoa ultrapasse a si mesmo, isto é, autotranscenda, para encontrar e realizar/preencher tal sentido (KROEFF, 2012, p. 67-68).

Efrén Ortiz (2012, p. 88-91) vem agregar que a Autotranscendência se ramifica, ainda, a partir de: diferenciação; afetação; e entrega. Aqui, a capacidade de diferenciação consiste em um efeito do autotranscender reconhecendo o campo mental do outro como dotado de autenticidade, e mostrando-se orientada a eventos e/ou sujeitos significativos em determinado espaço e tempo. Significa ainda: “encontrar-se [...], estando junto a um outro igualmente espiritual. Fundir-se no outro

gerando vínculos autênticos, obtendo suporte social e convívio ajustado, separando o que é de um do outro, mantendo limites interpessoais adequados”. Quanto à afetação e entrega, pontua: “a afetação é uma percepção afetiva que impacta a pessoa movendo-a internamente; já na entrega, o ser humano não só se deseja afetar pelo sentido ou por outro ser humano, pois a afetação convida à ação, à entrega, e à realização de sentido” (ORTIZ, 2012, p. 91), então, na entrega efetivamente o ser rende-se ao que sentiu-se afetado.

Assim, para melhor compreensão, conclui-se que a afetação e a entrega podem também relacionar-se, haja vista que o que atina o ser também o toca, e “ressoa afetivamente captando referências de intenções de sentido que lhe permite doar-se, entregar-se; aguçando a capacidade de sacrificar-se, de servir e ser altruísta, a uma missão, pessoa, tarefa” (ORTIZ, 2012, p. 91-92).

Em seus materiais logoterápicos e diante da tarefa de entendimento explicativo da existência, Elizabeth Lukas (1989/1992) - discípula viva e vivente dos preceitos franklianos: tendo sido aluna e convivido com a pessoa “Viktor Frankl” - frisa os três pilares centrais na corrente da Logoterapia e Análise Existencial que envolvem o próprio sentido e que estão intimamente conectados, sendo eles: a “Liberdade da Vontade”; a “Vontade de Sentido”; e o “Sentido da Vida”. Em pauta, tem-se a Liberdade da Vontade humana enquanto:

[...] liberdade de um ser finito como o homem, é uma liberdade limitada. O ser humano não é livre de condicionamentos, sejam eles de natureza biológica, psicológica ou sociológica. Mas ele é, e sempre permanece, livre para tomar uma posição [...]; ele sempre conserva sua liberdade para escolher sua atitude [...]. Em suma, os fenômenos especificamente humanos ligados entre si – autoconsciência e consciência – só são compreensíveis na medida em que interpretamos o homem como um ser capaz de distanciar-se de si mesmo, [...] e atravessando o “espaço” do noológico (FRANKL, 2020, p. 118).

Essa referência parece resumir bem o mote frankliano acerca da ‘humanidade’, pois, para ele, a liberdade é aí “limitada” no aspecto de que certas “condições” de adoecimento e os próprios condicionantes da vida, tais quais a morte e o sofrimento, limitam a pessoa por sua finitude, todavia, por essa mesma razão, pelo caráter de fim, que se deve conferir à vida motivos pelos quais viver, e mais, sentidos a preencher. Ele sempre reforça que a postura e o poder de escolha ‘livre’ estão passíveis de concretude pelo homem através de sua consciência e do movimento de autodistanciar-se para ver-se e capacitar-se a essa tomada de ação/

atitude: de criar, de vivenciar e agir como anseio para o sentido.

Sobre a Vontade de Sentido⁵, por sua vez, Frankl (2020, p. 123) fala que “[...] uma vez que a orientação ao sentido se transforma em confrontação com o sentido, alcança-se aquele estágio de maturação e desenvolvimento no qual a liberdade – [...] – se torna responsabilidade”, isto é, na existência do homem e a partir da dimensão noética pulsa a vontade de ‘preencher sentido’. Nisto, sendo o sentido possibilitado a partir do “espiritual”, V. Frankl (2011b, p. 11) frisa que existem “sentidos na vida” - que podem ser oriundos da situação de vivência no cotidiano de uma pessoa; o “Sentido da Vida” – que surge ante a finitude do homem que se depara com a morte; e ainda, o “sentido do mundo” - frente à totalidade inapreensível e que está aquém e além da compreensão humana. Acerca deste último, V. F. diz que ele :

[...] excede e ultrapassa a capacidade intelectual finita do ser humano; [...]. O que se requer da pessoa não é [...], suportar a falta de sentido da vida: o que se propõe é, antes, suportar a incapacidade de captar, em termos racionais, o fato de que a vida tem um sentido incondicional. O *logos* é mais profundo que a lógica (FRANKL, 2011b, p. 16).

Neste “rol de ideias”, o Sentido da Vida também envolve o que V. Frankl chama de “frustração de sentido ou f. existencial”, que por hora não se insere ao propósito do nosso estudo. Pois, afinal (ou ao final) o “Sentido da Vida” remete-se a um modo de existir permeado por sentidos ao longo deste viver apazível ou não - derivado de “valores” - e que pode ser reconhecido ou postumamente lembrado, não significando entretanto, que: “O homem é sempre capaz de encontrar a resposta certa ou a solução para cada problema, de encontrar o sentido verdadeiro de sua existência”, posto que para Frankl acontece o contrário: “[...] na condição de um ser finito, ele não está isento da possibilidade de errar e, portanto, deve assumir o risco de equivocar-se” (FRANKL, 2020, p. 128).

Por fim, Frankl (2011a/b, p. 10 -11) fala do caráter de unicidade humana, cujo conceito fora inicialmente apresentado neste estudo, desembocando no próprio Sentido da Vida quando considera que esse sentido não é estático, nem – obviamente – a pessoa que o quer preencher, todavia, importante “por conseguinte, não é o sentido da vida de um modo geral, mas antes o sentido específico da vida

⁵ Em relação às teorias propostas por Sigmund Freud (1856-1939) e Alfred Adler (1870-1937), respectivamente, ante os preceitos de “vontade de prazer”, e “vontade de poder”, Frankl opõe-se e fala em “vontade de sentido”, salientando que aquelas “constituem, na verdade, derivações da vontade original de sentido. O prazer como [...], um efeito colateral da realização de sentido; por sua vez, o poder [...] um meio para um fim”. Cf: Viktor Frankl, *Psicoterapia e existencialismo: Textos selecionados em logoterapia*, 2020, p. 135.

de uma pessoa singular em um dado momento” único e que não voltará a se repetir, sendo portanto como a própria pessoa: intransponível.

Nisto, os autores Santos, Barbosa e Aquino (2013, p. 23) dizem que ao abalizar sua analítica explicativa acerca do ser humano, para Viktor Emil Frankl há a definição de ‘uma imagem de homem’ (livre, aberto, responsável, intransferível); ‘um conceito de motivação’ (a motivação central do ser humano como vontade de sentido, isto é, de encontrar sentido para a própria existência: algo a ser realizado, para um fim, uma tarefa na vida que a faz perceber como algo digno de ser vivido); e ‘uma imagem do mundo’ (essa última se configurando enquanto Sentido da Vida), pois que, “a existência possui uma pluralidade de significados e uma plenitude de sentidos” que podem ser possíveis a partir dos valores, marcados no subtópico seguinte.

2.2 “CRIAR, VIVENCIAR E AGIR”: VERBOS VALORATIVOS DO SER

Uma maneira de encontrar sentido na vida é experimentando algo – como a bondade, a verdade e a beleza, experimentando a natureza e a cultura ou, ainda, experimentando outro ser humano em sua originalidade própria – amando-o.

(Viktor Frankl)

Pode-se observar a Logoterapia e Análise Existencial em bastante uso das classificações conceituais em forma de “trinca”, pois revisando tem-se: três dimensões constituintes do ser humano (biológica, psíquica, noológica); três esferas de sentido (sentido na vida, sentido da vida, sentido do mundo); três pilares centrais (Liberdade da Vontade, Vontade de Sentido, Sentido da Vida); e aqui, apresenta-se também as três categorias de “valor” (criativo, vivencial, atitudinal) entendido como aquele que no decurso do tempo, recorrentemente realizado e vivido época a época, Instaura-se socialmente na existência a ponto de tornar-se ‘cristalizado’. Em outras palavras, Frankl denomina valores de “sentidos universais” - nos quais as pessoas, em situações convencionais, conseguiram obter respostas significativas (FABRY, 1984, p. 94).

Esse valor, por sua parte, pode ser categorizado: na criação – no fazer algo ao mundo; na vivência, experienciando algo ou “alguém”; e na atitude, agindo ante

aquilo que não se pode evitar que ocorra. E tais valores são passíveis de mover sentidos e preencher a existência da pessoa, isto é: criando; vivenciando; e/ou sendo atitudinalmente ativo. Desse modo, Fabry (1984, p. 94-95) destaca, ainda, que: “Os valores são os sinais de tráfego em nossa jornada através da existência. [...]. Sendo também os três caminhos principais através dos quais se pode chegar ao sentido da vida”.

Neste aparato sobre o valor criativo, Frankl (2016b, p. 114 -115) diz que o nosso criar valora e enriquece o mundo na doação de nosso trabalho (FRANKL, 2020, p. 149); assim, significa também fazer uma ação (FABRY, 1984, p. 94-95); ou ainda, quando “o homem dá algo de si para o mundo” (SANTOS; BARBOSA; AQUINO; 2013, p. 21-22). A pessoa valora ao criar e mobiliza-se em sua “cri-ação”.

Seguindo os mesmos teóricos, sobre o valor vivencial, Frankl (2016b, p. 114 -115) cita que “teremos que enriquecer a nós mesmos [...] por meio de um ato, ora por meio da nossa entrega a uma possibilidade de vivência [...]”; “[...] ora por meio do que recebemos do mundo (no que se refere a experiências)” (FRANKL, 2020, p. 150); do mesmo modo, “experimentar algo ou encontrar alguém também no amor [...]” (FABRY, 1984, p. 94-95) - frisando que para Frankl o amor é o objetivo último e mais elevado a que pode o ser humano aspirar. E ainda, “quando vivencia uma experiência, e conseqüentemente, modifica sua atitude, [...]” o valor vivencial é emergente (SANTOS; BARBOSA; AQUINO; 2013, p. 21-22).

E, destarte, acerca do valor atitudinal, Frankl (2016b, p. 113) cita que esse “[...] apresenta-se até o último suspiro”, ou seja, mesmo em situações como a existência de Viktor Frankl nas atrocidades do poderio nazista o aspecto de obrigação perante a realização valorativa não abandona o homem, “ela sempre continua a ser possível”; neste liame, Frankl (2020, p. 155) marca que esse ato, realiza-se, assim, “por meio da atitude que tomamos diante de um destino que nós já não podemos modificar [...]”. Nisto, “[...], o indivíduo não é poupado de encarar a sua condição humana, a saber: dor (sofrimento), morte e culpa⁶.”

Já Santos, Barbosa e Aquino (2013, p. 21-22) pontuam enfim, que “quanto se posiciona frente aos condicionantes psíquicos e aos determinantes sociais” estamos

⁶ Esta Tríade também é teorizada por Viktor Frankl, contudo, a sua explanação, por hora, não compõe objetivo deste trabalho acadêmico. Para mais informações, sugere-se consultar: *Viktor Emil Frankl. Psicoterapia e existencialismo: Textos selecionados em logoterapia / Viktor Frankl; tradução Ivo Studart Pereira; revisão técnica Heloísa Reis Marino. – Ed. – São Paulo: É Realizações, 2020.*

tratando de valor de atitude; e consoante a corroboração de Fabry (1984, p. 94-95), essa última via para o sentido constitui-se como a mais 'relevante', haja vista que: "[...]: mesmo uma vítima sem recursos, numa situação sem esperança e enfrentando um destino que não pode mudar, ela pode erguer-se acima de si, crescer para além de si mesma, e desta forma, mudar a si própria.

Assim, como pode-se observar, construiu-se uma súmula acerca dos valores que perpassaram desde Joseph Fabry (1984); Viktor Frankl (2016/2020); e mais recentemente, Santos, Barbosa e Aquino (2013). Vale ressaltar que a pessoa pode transitar entre os valores, pois que, "De hora a hora muda na vida a oportunidade de uma orientação para este ou para aquele grupo de valor" (Frankl, 2016b, p. 114 - 115), não configurando-se como estáticos, mas sempre em movimento.

Entretanto, é *mister* destacar Frankl (2011b, p. 5 - 6) quando retoma que os valores não forçam um indivíduo, isto é, "[...] não o empurram, mas o puxam/guiam", de outra maneira, "[...], o que interessa verdadeiramente é a entrega a uma tarefa pessoal e concreta que se torna clara no decorrer da respectiva análise existencial" e que vai possibilitando preenchimento de sentido na existência deste ser que 'excede-se': transcende (FRANKL, 2015, p. 43).

Destarte, Efrén Ortiz (2012) frisa bem que é necessário compreender o que vem a ser este "sentido", haja vista que, existem variadas acepções para ele, tais como: direção; meta de vida; sentimento; percepção afetiva de algo; sacrifício, superação. E ainda, mediante suas diversas concepções, na contemporaneidade - em sua maioria - o sentido é relacionado a bem-estar; efeito positivo; adequado enfrentamento; e à felicidade. Antes disto, Viktor E. Frankl (2011a), a partir do conceito de 'logos', insere o verbo "preencher" quando se quer apreender o sentido e pontua que: "O homem busca - e, em sua busca, tende a atingir o mundo, mundo esse repleto de outros seres humanos a encontrar e de sentidos" a também serem preenchidos por eles (FRANKL 2011a, p. 28 - 29).

Ortiz (2014, p. 63-68) nos diz depois que "o sentido é a percepção afetiva e cognitiva (emocional e mental) de valores que incitam a pessoa a atuar de um modo ou de outro, diante uma situação particular da vida em geral (valorar), dando-a coerência e identidade pessoal". Seria uma percepção afetiva na vivência emocional que gera ressonância interna, podendo ainda, ser atualizado em diferentes (textos) valores e diante (contextos) pessoas, objetos, situações ou ações (ORTIZ, 2014, p 64).

Contudo, prefere-se a compreensão de que o sentido é afetivo e emocional como aponta Bruzzone (2011), logo que:

o sentido não é uma matéria, mas antes um motivo (que pode ser atual – porque alguém tem interesse em algo); ou potencial – porque algo em certas condições pode despertar o interesse de alguém). Isso implica dizer que o sentido é captado emocionalmente e afetivamente para além da cognição, pois antes da reflexão, a partir da dimensão noética da pessoa, está posta a intuição” (BRUZZONE, 2011, p. 122-123).

Assim, expressões de transcendência se encontram “nos fenômenos exclusivamente humanos da consciência e do amor, que expressam a intencionalidade da existência: uma na direção de um dever e valor a realizar; o outro na direção de uma pessoa que conhece e ama”. Para tal, o interessante é que cada ser humano colabore na descoberta concreta, à percepção de sentido que o aguarda (BRUZZONE, 2011, p. 122), pois que “Ser significa ser para o outro, e, através dele, para si”, como já previa Mikhail Bakhtin (1895-1975).

Isso ainda quer dizer que, “em cada particular situação existencial, estão encerradas precisas potencialidades de significado” que esperam realização por parte do sujeito, existindo apenas “uma resposta justa e verdadeira” à cada questionamento, que a “consciência” contribui para achar. Sendo essa consciência, criativa, valorativa e “a capacidade intuitiva de descobrir o significado único/singular e oculto em cada situação (BRUZZONE, 2011, p. 124).

Então, conforme o fundador da Logoterapia, e como dito, este sentido evoca-se em situações concretas na vida, sendo, portanto, a ação humana necessária para evidenciá-lo, posto que: “Não se deve procurar um sentido abstrato da vida. [...] cada um precisa executar uma tarefa que está a exigir cumprimento”. E assim, neste pensamento de Frankl (2011b, p. 5-6), o ser constitui-se como insubstituível e “tão singular como a sua oportunidade específica” de realizá-la.

Assim, no que tange à analítica existencial de Viktor Frankl perante a expertise ao abordar o universo “noético”, as complexas relações humanas, e as respostas frente à vida, a autotranscendência (saída para o sentido) e os valores (através dos quais transcender) podem então ajudar a pessoa no protagonismo de uma existência única, bem como mostrar-nos concretizações de sentidos apresentáveis e possíveis, por exemplo, a partir da literatura e da cultura. Aquém, pelo personagem podemos ser muitos, quem quisermos, haja vista que “personagens” transcendem a pessoa real.

É permitido, então, visar a hermenêutica frankliana do sentido em um romance/prosa e em um cordel/verso propiciando-nos um estudo partindo de personagens nordestinas: a Maria Bonita do cordel *Maria Sempre Bonita* – do autor Jairo Mozart, e a Gabriela do romance *Gabriela, cravo e canela* – de autoria de Jorge Amado (que serão apresentadas *à posteriori*).

3 MARIA BONITA E GABRIELA: “XOTE DAS MENINAS”

Após ter apresentado a Análise Existencial, elucidado o fenômeno da Autotranscendência (diferenciação; afetação; entrega) e discutido os valores (criativo; vivencial; e atitudinal) no capítulo anterior, nesta separata, há duas divisões: uma, competente ao romance amadiano sobre *Gabriela*; outra, ao cordel mozartiano acerca de *Maria Bonita*. Nos dois subtópicos que se seguem, ilustram-se os autores (também nordestinos!): Jorge Amado e Jairo Mozart, mas não há destaque em tamanha proporção haja vista não ser o objeto de análise deste trabalho.

Para falar da protagonista baiana Gabriela, parte-se de uma reflexão do reconhecimento do sujeito como leitor e do próprio sentido que pode ser preenchido pela experiência com a leitura (não esqueçamos dos significados que podem ser construídos subjetivamente); além do que, descreve-se a narrativa da moça e por último pincela-se algumas temáticas recorrentes ao abordá-la como estudo. Já acerca do cordel literário, encontra-se a também bela, também baiana: Maria Bonita. Nesta divisa, tem-se o início dos escritos em folhetos; o movimento Cangaço nos livretos e a inscrição da mulher neles, a partir da nossa personagem; além do que menciona-se outras cangaceiras e se traz a notória fala de uma ex-cangaceira para exemplificar a própria Maria Bonita. Assim, estarão expostas obras escolhidas para a análise.

Aqui e acolá, em ambas as partes, ver-se-á a literatura como autotranscendente, assim como fonte criadora, experiencial e de atitude que é. Isso possibilitará demarcar no terceiro capítulo - o analítico - a autotranscendência que poderá ser representada a partir do (con)tato e do movimento de sentido presentes tanto no romance, quanto no cordel destacados, que têm expressões de cada uma das protagonistas *Maria Bonita* e *Gabriela*: duas nordestinas “neste mundo de meu Deus”.

3.1 “ELA, GABRIELA”: AMADA NA LITERATURA DE JORGE AMADO

Ela. Sensibilidade de fortaleza à luz do dia. Toda a sensualidade da Bahia. Folia da utopia da anarquia da poesia. Inferno e paraíso é ela.

(Belchior)

Consoante Antonio Candido (1995, p. 245-246) os informes que constituem um texto literário servem também para ordenação mental subsidiando o nosso ordenamento de ótica do mundo. Assim, “a organização da palavra comunica-se ao nosso espírito e o leva, primeiro, a se organizar; em seguida, a organizar o mundo”. Para Souza (2009, p. 130) quem faz a leitura literária tem a possibilidade de “reconhecer-se no outro” e com ele vincular-se como parte humana, tendo em vista que esse produto textual constitui relevante meio criativo e identitário da pessoa. E ainda, Candido (1995) toma a literatura como um “bem humanizador”; considerando, aqui, humanização como:

[...] o processo que confirma no homem aqueles traços que reputamos essenciais, como o exercício da reflexão, a aquisição do saber, a boa disposição para com o próximo, o afinamento das emoções, a capacidade de penetrar nos problemas da vida, o senso de beleza, a percepção da complexidade do mundo e dos seres, o cultivo do humor. A literatura desenvolve em nós a quota de humanidade na medida em que nos torna mais compreensivos e abertos para a natureza, a sociedade, o semelhante (CANDIDO (1995, p. 249).

Sobre esse ponto, no que tange à abertura, à consciência, e à interação com um outro ser, alguns destaques citados acima aproxima-nos da corrente do pensamento frankliano no que diz respeito à autotranscendência, aos valores que a podem suscitar, e quiçá, àquelas características/nuances existenciais pertinentes à dimensão noológica: como o altruísmo, o “belo”, a abertura. Pois, para Candido (1995) a literatura põe o homem “em contato com a essência humana” proporcionando experienciar a renovação da vida diante de si e do mundo afirmando-o humanamente, sendo “ao mesmo tempo, uma construção de objetos autônomos, como estrutura e significado; bem como uma expressão, [...], uma manifestação de emoções e visão de mundo de indivíduos e grupos” (CANDIDO, 1995, p. 244 apud SOUZA, 2009, p. 125), assemelhando-se, assim, à nossa jornada com a Análise Existencial.

Reafirmando, Yunes (2003, p. 12 apud SOUZA, 2009, p. 118-119) no texto *Da leitura literária: um encontro marcado por desencontros*, afirma então: “ler (re) aproxima o leitor da existência, por meio do qual o deslocamento de horizonte provocado [...] pela interação que mobiliza o sujeito [...], ressitua o leitor e faz com que ele possa atualizar [...] sua historicidade, [...] sua experiência, dando-lhe também a vida nova”. Neste sentido:

O ato de ler, compreendido de forma ampla, caracteriza, pois, toda a

relação racional entre o indivíduo e o mundo que o cerca, o que faz com que a leitura seja a mola-mestra de sociedades [...], principalmente porque, [...], tornou-se a porta de entrada do indivíduo ao universo do conhecimento, sendo, portanto, o primeiro passo para a assimilação dos valores da sociedade (SOUZA, 2009, p. 119-120).

Disso, tomando a leitura como relevante aparato para a incursão dos valores sociais, reforça-se os valores frisados por Frankl (criação – ao criar o escrito); (vivência – ao assimilar/acomodar a obra); (atitude – a exemplo de ‘transformar a dor em livro’). É que através da “leitura literária” naquele que lê, há a experimentação e transformação. Neste mesmo sentido, citando Steiner (1988, p. 29), observa-se ainda, que:

[...] a busca pela “humanidade essencial”, amplia e apura a capacidade do espírito humano, [...] e nos proporciona refletir sobre nossa condição [...] íntima. Sendo assim, ao lermos uma obra literária, podemos ser possuídos por ela tão completamente que, por um momento, permanecemos com medo de nós mesmos e em um estado de infinito reconhecimento.

Aqui, prova-se que a essência do ser alarga a potência humana espiritual reflexiva acerca da nossa própria condição pessoal, bem como do processo “assustador” de significados e sentidos encontrados/preenchidos por intermédio do ato do leitor. Assim, frente ao caminho que conduz à reflexão na Literatura, em um movimento de conhecer, conhecer-se e reconhecer-se, elege-se o romance *Gabriela, cravo e canela*, de Jorge Leal Amado de Faria (1912 - 2001) ou Jorge Amado - consagrado autor baiano que popularizou o nome dela pelo cheiro do cravo e a cor da canela, pela via e pela veia da literatura brasileira.

Nisto, o arsenal amadiano insigne expressa o estilo regionalista do escritor não só no enredo da pequena cidade de Ilhéus em formação, mas ao redor do mundo, intermediado por diversos gêneros literários e assuntos, que como o paisagista; da emigração; e até hoje considerados “modernos”, segue adaptando-se aos novos formatos midiáticos disponíveis, como cá em tela viva: desta vez, pela autotranscendência.

Pois, com base em estudos visionados e já dispostos sobre a personagem Gabriela, pode-se notar a presença de alguns temas recorrentemente examinados, os quais sublinha-se a exemplo: o coronelismo presente na história, em *O patriarcalismo em Gabriela, Cravo e Canela: o estilhaçar do ritual ideológico radical* (Queiroz, 2016) – onde o foco estaria no modelo patriarcal vigente e na tentativa de

ruptura dessa ideologia; um olhar acerca da mulher dominada, em *Entre cravo e canela a opressão era da Gabriela: a violência no corpo feminino como banalidade da dominação masculina* (Werner, 2017) – dominação, machismo, violação, perante a personagem; Eros e raça identitária, em *Erotismo e Identidade negra na obra amadiana Gabriela, cravo e canela*, por Nascimento (2018) – identidade negra e tentativa de ruptura ao preconceito racial; e em tratando-se de narrativa midiática vigente, pontua-se o projeto de pesquisa nomeado *Gabriela, Cravo e Canela no Instagram: uma perspectiva feminista interseccional*, por Machado (2019) – atualização do movimento feminismo sobre o clássico em uma mídia onde as mulheres são demasiadamente expostas; além do recente exame sobre a socioculturalidade na obra, em *A realidade sociocultural da região cacauzeira no romance: confluências entre a história e a literatura* (Santos & Lima, 2020) – a aproximação do real enlace histórico e literário.

Antes de adentrar no segundo momento deste subtópico destinado à outra personagem nordestina - que juntamente com Gabriela será passível de análise no próximo capítulo - faz-se relevante reportar-se ao enredo do romance sobre *Gabriela, cravo e canela*.

Em suma, a moça sai de casa em busca de trabalho, mas é mesmo a liberdade que a conduz nos trilhos que desemboca em Ilhéus – no estado da Bahia - aonde deságua nos braços do comerciante Nacib Saad. Morena, exótica, erótica, caótica, pela ótica dos devaneios e aos olhares dos admiradores do bar do árabe. Aos poucos, ambos entrelaçam-se e constroem uma paixão ardente que implode em casamento, e traição.

É que Gabriela, quase Capitu⁷, quase tonta, vive atenta aos suspiros que embebedam o espaço. Gabri(ela), também mulher, também nordestina, rompe com a constituição da dama senhoril e do matrimônio perfeito, trai, entrega-se, “abestalha-se”, vive. Porém, em Gabriela, o perdão lhe alcança, cansa e concretiza-se, enfim.

E, para um apanhado mais preciso da afabulação da obra, pontua-se que à época de 1925 dá-se a trama na qual encontra-se o sírio Nacib, proprietário do bar *Vesúvio* (substantivo masculino figurado que significa: explosão de paixões; cataclismo; vulcão), que tem de fornecer uma janta para 30 (trinta) pessoas que vão

⁷ Referência à personagem Maria Capitolina Santiago, a Capitu, do romance *Dom Casmurro* (1899 por Machado de Assis – renomado escritor carioca) tida como “alegre, apaixonada, dissimulada”, e sob quem paira dúvida ante um ato de traição amorosa.

comemorar o ineditismo de uma estrada para automóveis em Itabuna – no limite geográfico ilheense. Mas, que a aflição lhe consome, haja vista que a funcionária da cozinha despede-se. Contudo, apesar de conseguir o jantar, o sírio continua a sua procura por outra cozinheira, e eis que surge a pretendente ao cargo: Gabriela, mais uma moça retirante recém-chegada à cidade buscando por trabalho doméstico, inclusive para cozinhar (mesmo que algumas oportunidades partissem do campo cacauero – ofício habitual na região).

Em outra parte do romance, Gabriela é contratada por Nacib, o que implicara em hospedar-se em sua casa. E como agrado ao depositar para a moça um presente, ambos se relacionam amorosamente pela primeira vez. Já na terça parte da estória, após alguns meses, Nacib e Gabriela desenvolvem, então, um caso amoroso, só que o sírio se acomete por ciúme - já que Gabriela sempre decorada com flor nos cabelos, exala perfume de cravo pelos ares do bar. Com isso, no então sentimento de que já a ama, Nacib propõe à Gabriela que se casem, e eis que logo adiante o festejo do casamento é consumado.

Na quarta partição, também a última, nota-se o descontentamento do sírio, uma vez que a morena não se acostuma a ser a Senhora Saad e nem tampouco a fingir que os sapatos de salto alto lhe agradam. Acontece que, o personagem Tônico Bastos, que outrora fora o padrinho do casório de Gabriela com Nacib, engraça-se pela “madame” e com ela vai ter na cama. Nesse ponto, Nacib mostra-se intacto perante os comentários dos cidadãos quanto ao feito traidor, enquanto que o coadjuvante Tônico é tratado com humilhação – chegando a egressar de Ilhéus.

Assim, a união matrimonial acabou por ser anulada descomplicadamente, uma vez que os documentos de Gabriela não eram verdadeiros. No final, Nacib sente-se abalado e aflito, mas com o passar do tempo vai restaurando a sua autoestima e posição social, pois, com as obras ‘civis’ concretizando-se exitosamente na cidade, o sírio abre um restaurante juntamente com um amigo. É quando, os clientes que admiram Gabriela acabam por interferir na contratação do cozinheiro, pois que, preferem a morena quituteira, que de forma amistosa novamente é chamada à função. A partir daqui, algumas semanas acabam se passando e o “casal”, como pontua Bonez (2005, p. 65): “reinicia seu caso, tão ardente como era no começo e deixara de ser após o casamento”.

Como dito, pode-se notar que a produção de Jorge Amado sempre moveu e

continua a instigar estudiosos e amadores do universo acadêmico por muitos motivos. Entretanto, fundamentados pelo acervo do escritor percebe-se que desde os primórdios de seu trabalho, ele debruçou-se à personagem “feminina” dando bela forma para tantas mulheres⁸ e enredos perpassados nas mais diversas questões existenciais. Destarte, consoante Brugge (2015, p. 2), “em nada choca saber que a Gabriela [...] se destaca por sua beleza e sensualidade, embora simples, pobre, vestida em trapos, exalando seu cheiro (natural) de cravo”, e “aberta, dela mesma e ao outro, à experiência, à novidade, à diferença”, perdura amada na literatura de Jorge Amado.

Do mesmo modo, em se tratando de personagem artística, bela e baiana, protagonista do nordeste do Brasil - admirada por tantos autores, compositores, e cordelistas, tem-se também os estudos palpados acerca de “Maria Bonita”, a precursora a ingressar no movimento alcunhado de Cangaço, e com ela, a chamada mobilização que permitira a incursão e a saída/ida de outras mulheres para a voragem. Assim, o viés fundamentado conceitualmente na “autotranscendência”, como proposta desta analítica, atravessa um novo “feixe de possibilidades”⁹ diante do ser que lê e incansavelmente pode preencher sentidos por meio do que faz.

3.2 CANGAÇO NO CORDEL, “A BELA MARIA” DOS FOLHETOS

A força masculina atrai não é só ilusão ... A glória
feminina existe e não se fez em vão.

(Belchior)

Já tendo apresentado parte do *corpus* analítico partindo da personagem baiana Gabriela, do romancista Jorge Amado, este segundo ponto aborda outra manifestação artística (nordestina): um cordel sobre Maria Bonita, chamada de “rainha do cangaço”.

Enquanto (re) leitura hermenêutica, no aspecto de produção de significados e / ou amplificação do conhecimento humano na arte literária, considera-se aqui a

⁸ Tais quais os Romances: Dona Flor e Seus Dois Maridos (1966); Teresa Batista – cansada de guerra (1972); e Tieta – do Agreste (1977).

⁹ Citando a ideia do conceito de Frankl sobre o “homem”; e defendido pelo professor Gutenberg Germano Barbosa (o precursor dos estudos franklianos no Nordeste), que, ao citar Martin Heidegger (1889-1976) refere-se aos “feixes” possíveis na existência do ser humano.

noção de Santos (2014a, p. 57) quando define que “Não se deve conceber a literatura de cordel como obra fechada em sua forma [...]”, mas, em diálogo com outras expressões de cunho artístico, em um movimento retroalimentar, e “aberta às variações provocadas pelo contexto social e cultural presentes, e [...] passível de análise” (SANTOS, 2014a, p. 57).

Neste sentido, resgata-se *Maria Sempre Bonita*, do paraibano Jairo Mozart, um cordel literário que biografava a “rainha cangaceira Maria Bonita” - dialogado em um outro momento com a personagem amadiana Gabriela, do gênero literário ‘romance’. Assim, estarão presentes a “contextualização e a cultura” pontuadas por Santos (2014), bem como um caminho possível de ser analisado pela ótica da Análise Existencial de Viktor Emil Frankl, como é o objetivo do nosso estudo.

E diante da participação na história do ‘Cordel brasileiro’ faz-se relevante trazer à pauta primeiro a biografia de Jairo Mozart Pereira¹⁰. Disto, demarca-se que Jairo é um compositor, músico, produtor, arranjador, diretor executivo musical, artista plástico, intérprete, pintor, desenhista e cordelista paraibano. Natural da capital João Pessoa, no estado da Paraíba - nordeste brasileiro, o artista tem diversos trabalhos apresentados nacional e internacionalmente, como: Estados Unidos, Espanha, Portugal, Grécia, Cuba, Porto Rico e Espanha.

Mozart também participa de projetos educacionais, extensivos e oficinas realizadas sobre a música perceptiva, ritmo e cordel, voltados para alunos, professores e outros artistas. E no cenário musical, são 15 (quinze) álbuns musicais gravados e lançados, entre eles: “O Auto de Lampião no Além” – juntamente com “Oliveira de Panelas” (2004); e “Tempo é Vida”¹¹ (1998). Sendo ainda parceiro de Geraldo Azevedo, Clarice Nader, Carlos Moura, Jorge Mello, Zé Renato, Guerra Vicente, [...], Pedro Osmar, Pedro Sampaio, Afonso Gadelha, Nivaldo do Acordeom, Fidélia Cassandra, Dida Fialho, Rosa Maria Mano, entre outros.

¹⁰ Segue fazendo arte e contribuindo na disseminação da cultura popular brasileira, aqui, com destaque para conquistas em 2010: recebimento da Comenda Cidade de João Pessoa pela Câmara Municipal por serviços prestados em Música e Artes Plásticas; e à nível nacional eleito um dos três melhores com projetos de Cordel no Prêmio Mais Cultura de Literatura de Cordel – Edição Patativa do Assaré, através do Ministério da Cultura do Brasil (Relato autobiográfico disponível em jairomozart.org; e conferida pelo próprio artista em entrevista telefônica para Fabielle Tavares de Souza. *Mozart e Maria*. Campina Grande, 2021).

¹¹ Esse trabalho representa uma síntese da experiência de sua carreira musical. Assinados a concepção, os arranjos de base e a composição (Grifo de Jairo Mozart).

Em 2006, o cordelista Jairo Mozart cria “A História do Cordel no Cordel”¹², ou seja, usa a metalinguagem para compor um cordel cuja temática elucidativa repousa em como esse gênero chegou ao nosso país, Brasil, e de como dá-se a sua construção e forma composicional. Nesse, o também cordelista Oliveira Francisco de Melo, o “Oliveira de Panelas” – por ter nascido em Panelas/Pernambuco, deu a sua contribuição citando que: após os Mouros terem feito a invasão e a conquista da Península Ibérica sua cultura fora arraigada na região dando início ao “processo de colonização das Américas Central e do Sul” ao passo que países como Espanha, França, Portugal e Inglaterra, também se manifestaram. Então, segundo Melo (2006), o feito de Jairo:

[...] revitaliza algumas formas poéticas (Sextilha, Gemedeira, Mourão de Sete Linhas, Oitavão Rebatido, Martelo Alagoano, Oito Pés a Quadrão, Quadrão de Meia Quadra e Quadrão Mineiro) resultantes da fusão cultural que caracterizou o processo de colonização no nordeste brasileiro, principalmente da região da Paraíba e Pernambuco, onde a diversidade de contribuições enriqueceu sobremaneira a cultura popular (MELO, 2006, *introdução*).

Melo (2006) diz que o cordel enquanto “forma tradicional de comunicação” permanece resistindo “ímpar” “nos costumes” discutindo temas que relevantes à compreensão da sociedade, sejam eles retratados pela escrita e/ou pelo canto dos repentistas, tais como composições cordelísticas do paraibano em destaque: Jairo Mozart, como sendo “um dos pesquisadores que representa a continuidade, a tradição e a resistência da arte da cantoria e dessa forma de Literatura”. No prosseguimento: “A História do Cordel no Cordel” é apresentada por Mozart do seguinte modo: “A história de cordel / Em ,cordel eu vou contar / Com exemplos, citações / Pesquisadas devagar / Só mostra riquezas / Da cultura popular”. E, têm- se a seguir, em íntegra, fragmentos do cordel que nos dá suporte ao entendimento histórico e conceitual desse modelo ainda em ascensão, demarcado nas seguintes colocações:

Herança medieval / No Nordeste do Brasil / Encontro de artistas / Rico em formas mil / Em versos e melodias / [...] / Tempo em que surgiram / Os nossos cordelistas / Criando muitos estilos / Suas regras e listas / [...] / Livretos produzidos / Aos olhos alegria / Expostos em varais! / Criam encanto, magia. / Em feiras, praças, ruas / Despertando simpatia / E a partir desse ponto / Houve mais integração / E de lugar em lugar / Muito mais informação / Fatos indo

¹² O referido cordel não faz parte do *corpus* analítico do presente estudo, todavia, insere-se como relevante ao ponto discursivo que se segue, e mais, tendo sido composto pelo mesmo cordelista de *Maria Sempre Bonita* – *corpus* analítico, primando pelo reconhecimento do artista (Jairo Mozart) diante a cultura do cordel nordestino.

mais longe / Do litoral ao sertão / [...] / Arte de chão nativo / Plantadores do sertão (*A história do Cordel no Cordel* - Mozart, 2006).

Assim, neste ápice, retoma-se à introdução de Oliveira, quando fala da miscigenação propagada em consonância com a aceitação do cordel em território brasileiro, e de como a multiculturalidade propiciou a sua permanência. Ademais, sabe-se que “os cordéis eram comumente pendurados em cordões / *tenson* (o que estende), tornando-se também o primeiro veículo de massa em diálogo entre capitânicas entre países” - nas ruas acessíveis aos transeuntes - que a partir da imagem desenhada em capa tinham a atenção atraída à leitura (MOZART, 2021, *transcrição para SOUZA, 2021*).

E lembrando de outros artistas que se debruçaram na escrita cordelística, Mozart (2006) salienta nomes como: Ivanildo Vila Nova, Otacílio Batista, Clodomiro Paes, Amaro Dias, Jorge Melo, Patativa do Assaré, e Zé Limeira. Além do que, evidencia a performance artística imprescindível à expressividade na apresentação de um Cordel – ou a forma cantada, que requer habilidade para prender o olhar de quem presencia o Repente: O Cantador Repentista Quando faz exibição / De agilidade mental / Tem mais formas, atenção. Em pequenos desafios / E de pouca duração (XII).

E, assim, perante os formatos estruturais que podem servir de base para a realização do cordel, Jairo M. apresenta ainda 8 (oito) deles, contudo, relata que “Sextilha” é que se compõe enquanto “estilo simples” e tradicionalmente mais utilizado pelos cordelistas. Com isto, após apresentada a historicidade do Cordel partindo das palavras e modo de expressão do próprio cordelista, retoma-se a pauta de Souza (2009, p. 119) quando sobressalta que “o mundo e nós mesmos, somos previamente organizados pela linguagem” e pela comunicação, tendo em vista que:

O nosso estar-no-mundo, como indivíduos sociais [...] é mediado por uma rede intrincada e plural de linguagem, isto é, que nos comunicamos também através da leitura e/ou produção de [...] movimentos; que somos também leitores e/ou produtores de dimensões e direções de linhas, traços, cores... [...] imagens, gráficos, sinais, [...] luzes... através de objetos, sons musicais, gestos, expressões, cheiro e tato, através do olhar, do sentir e do apalpar [...] (SANTAELLA, 1985, p. 11 apud SOUZA, 2009, p. 119).

Nesta direção, segundo Santos (2014b, p. 92), o desenho que compõe as capas do cordel tem “a função de significante da representação construída pela escrita do poeta e/ou pela voz do cantador”, assim, imagem e texto permite-nosentão

depreender elementos que estarão presentes na narrativa desde um primeiro contato. Percebe-se então, que ao curso da história, os folhetos vão inserindo a linguagem dos assuntos vigentes à cultura e sociedade, e não ocorreu diferente com o Cangaço¹³ e mais à frente do que viria a ser o cangaço “feminino”: que viria então demonstrar uma face de desapego do estranhamento perante a figura da mulher nesse Movimento.

Para melhor entendimento, precisa-se falar sobre o cangaço sem a presença das mulheres. Acerca disso, Orecchioni (1976, p. 32-45 apud SANTOS, 2014a, p. 26) esclarece primeiro que “o vocábulo ‘canga’, [...] designa um complexo de armas que costumam trazer os malfeitores”. Ele usa “então uma expressão comum no sertão do século XIX: debaixo do cangaço”, para dizer sobre o sertanejo andante e armado em suas costas. “[...] Com o passar do tempo, a população denominou aquele que trazia as armas, ou seja, o cangaço sobre si, como cangaceiro” (ORECCHIONI, 1976, p. 32-45 apud SANTOS, 2014a, p. 26). Além do que, usavam armamentos pesados e viam nos coiteiros “acobertadores” do bando (como chamados pelo escritor Frederico Pernambucano de Mello) a proteção necessitada, pois que, eram perseguidos por volantes (tropas de polícia) que se contrariavam aos princípios do chamado “Rei do Cangaço” - próprio Lampião.

Nesta meada, Frederico Pernambucano de Mello (2011, p. 70) afirma que o vigor ao surgimento do cangaço também acabara por inflar outros moldes da dita “criminalidade” na região nordestina no final do século XIX e no início do século XX. E quanto à relação entre cangaceiros e coronéis, o pesquisador ressalta o fortalecimento entre as partes por intermédio de acordos na esfera do poderio; assim o grupo: “[...], colocava-se a serviço do fazendeiro ou chefe político, que se convertia, em contrapartida, naquela figura [...] responsável pela conservação do caráter endêmico de que o cangaço sempre desfrutou no Nordeste, que foi o coiteiro” (MELLO, 2011, p. 87- 88).

A respeito disto, a imagem de Lampião paira a díade – herói ou bandido – abordada por diversos acadêmicos que se debruçam até os dias atuais, à reflexão acerca de sua forma de situar-se no mundo. Neste liame, Santos (2014a, p. 55) em

¹³ “A despeito do que há de exato na fixação desse caráter universal – e, portanto, nem originário nem exclusivamente sertanejo ou nordestino ou brasileiro – do cangaceirismo e do processo de mitificação que parece acompanhá-lo invariavelmente, convém não esquecer o enorme papel do nosso sertão, com todas as contradições e peculiaridades da cultura pastoril, na formação da imagem que temos hoje do fenômeno cangaço” (MELLO, 2011, p. 96).

Dos versos às cenas: O cangaço no folheto de cordel e no cinema, apresenta que, a famosa tipologia acima mencionada “depende do local onde se encontra aquele que responde. [...], não se devendo deixar de se levar em conta conflitos entre as políticas culturais dessas cidades e o imaginário popular presente naqueles que as compõem” (SANTOS, 2014, p. 55). E ainda, “Heróis e bandidos que chegam aos filmes não são produtos apenas do referente histórico, mas percorrem trilhas já delineadas por estruturas míticas de alguns folhetos de cordel” (SANTOS, 2014b, p. 57 - 59), que:

[...] harmonizam-se com a compreensão do imaginário do cangaço nos folhetos de cordel [...], como um complexo de imagens que atendem não somente a um paradigma histórico, mas também à fluidez da memória e ao devaneio do imaginário da tradição e da modernidade, [...] (SANTOS, 2014b, p. 59).

Lê-se, ainda:

Não somente a realidade do fenômeno (cangaço) se mostra assim abrangentemente universal em suas características estruturais: o mito¹³ que sobre este vai-se formando, [...] e que, [...] apresenta duas facetas tão curiosas quanto frequentes: a de seu surgimento ainda em vida da personagem celebrada [...] e a sua permanência mesmo crescimento após a morte dessa personagem (MELLO, 2011, p. 96).

É notável que, a tensão mítica - brevemente discutida, pode colaborar também à leitura sobre a figura de Maria Bonita - cangaceira mais “notável” - sabendo tratar-se da mulher do chefe do grupo, entretanto, não obstante apontar para as demais célebres mulheres que tomaram o mesmo curso que ela e fizeram história no Nordeste, como percebido no apontamento de Oliveira (1996): “[...]. A liberdade adquirida e os direitos conquistados representaram um avanço da cangaceira em relação às demais jovens sertanejas” (OLIVEIRA, 1996, p. 24).

Outrossim, ao tomar-se Lampião como mito por seus feitos até suas expressões de amor por Maria, por que não dizer-se: “Maria Bonita, um mito?” partindo da noção teórica de Barthes (2001) quando aborda o mito como “fala, comunicação e mensagem”, por exemplo. Assim, entre armas, crimes e interesses, começou-se a perceber a abertura da mulher no cangaço, e partindo (de) Maria Bonita, inseriu-se a possibilidade da existência de sentimentos “amorosos” entre mulheres e homens nos grupos (porém, o ideário de harmonia entre os casais era retratado de forma paradoxal), uma vez que, iam contra a abordagem jornalística adotada na época - já que falavam sobre a violência que permeava as cangaceiras (SANTOS, 2014a, p. 125).

Contudo, citando Albuquerque Júnior (2003, p. 147), Santos (2014a, p. 126) destaca que a continuidade de valores tradicionais podia ser ameaçada pela chamada “feminização da sociedade”, isto é, do deslocamento da mulher passiva ao protagonismo de sua presença e ação no cerne da realidade social. Antes, as imagens no cordel não apresentavam uma mulher feliz com o seu parceiro, todavia, isso foi sendo posto à prova e à desconstrução ao passo que fragmentos da vida real do cangaço vieram à tona por parte de estudiosos interessados nessa vertente. Nisto, Maria emana “modo de significar”, julgada por um discurso histórico que a “mata ou a mantém”, afinal, Nascimento (2015, p. 87) diz que “elas (mulheres que entraram no cangaço) foram se tornando mitos no sertão [...] respeitadas e temidas ao mesmo tempo”.

E assim, aos poucos, películas, fotografias, filmes, entrevistas, relatos, escritas e cordéis foram surgindo com mais cor, mais sorriso, mais mulheres, e parece que mais “sentido”, nas representações de vivências entre homem e mulher, ou melhor, entre seres humanos, e graças à autotranscendência, como diria Viktor Frankl. Contradizendo o que traziam as divulgações sobre o cangaço ser totalmente uma vida de sofrimento (claro que consideram-se as dores causadas pelo mesmo) porém, apela-se que apesar disso, também no cangaço havia satisfação e busca de significados e sentidos.

Assim, para explicar a participação feminina no movimento, marcou-se a obra *Amantes guerreiras: a presença da mulher no cangaço*, na qual Nascimento (2015, p.12) objetiva “mostrar a atuação, o sofrimento, a conduta, o pensar, o viver das mulheres que foram envolvidas na voragem cangaço”. O pesquisador chega a questionar “*O que levaram essas mulheres a se juntarem a bandidos, e com eles conviverem amorosamente, procriarem, ter um relacionamento que em alguns casos foram muito além do cangaço?*”. Certamente, essa propositura será retomada por nós pela hermenêutica frankliana do sentido.

O autor nota que as cangaceiras eram nomeadas com ligação ao companheiro pela preposição “de”, como se pertencessem a ele – Maria Bonita *de* Lampião, mais “guerreiras pela coragem de se juntar a essas pessoas de vida errante e viver no limite das condições de sobrevivência levadas por um ideal”, além do que - antes da entrada no cangaço - Maria Bonita era conhecida por Maria *de* Déa, sua mãe, e cuja marcação alude-se a uma mulher vinda de outra; que passa a “ser” companheira de Lampião; e

mais, a ser (d)ela mesma, depois representando tantas Marias do universo nordestino.

É importante tocar que não estamos romantizando a história sobre Maria Bonita, antes somente tem-se conhecimento dos algozes do Cangaço, contudo o estudo desemboca no - “embora” – haja vista haver sentido para além do que não podemos alterar no decurso de nossas vidas: impedir que os espinhos nasçam. Além do que, não somos nós quem estamos dizendo que Maria é só flor, a própria cultura do Nordeste escancara as rendas da rainha do Cangaço e o que representou de bonito a sua existência.

Destarte, ao passo que encontramos Maria B. deparamo-nos como parceiras de sua história, diversas outras mulheres que passaram, viveram e foram adeptas ao grupo, não obstante dizer que todas são conhecidas na história contada do cangaço, mas aqui, recordadas por Santos (2007, p.150) vemos: “Dadá, Sila, Durvinha, Neném, Mariquinha e Maria Juvina, [...] Enedina, Rosinha, Dulce, Otília, Lili, Lídia, a Adília, Sebastiana, Maria de Azulão, Veroniquinha, Inacinha, Eleonora, Cristina, Moça (Joana Gomes), Quitéria e outras mais [...]” (SANTOS, 2007, p. 150).

Outrossim, dentre as mais de 30 (trinta) mulheres aliadas e integrantes que passaram a ser mais conhecidas evidenciam-se: Dadá – de Corisco, a última mulher a aderir ao movimento; e a primeira: Maria Bonita – de Lampião, destaque na presente produção acadêmica. Sobre essa última, afunila-se. Sabe-se que Maria Gomes de Oliveira nasceu em 08 de março¹⁴ de 1911 no Sítio Malhada da Caiçara, no município de Paulo Afonso, na Bahia; filha de José Gomes de Oliveira e Maria Joaquina Conceição Oliveira (Dona Déa).

Diz-se que logo moça, Maria casou-se com um “Zé”, porém, fora laçada pelas correias da sandália de um homem por nome Virgolino Ferreira da Silva, já apelidado de Lampião, “o Rei do Cangaço”, e assim como ele, parecia querer iluminar a insatisfação e monotonia da vida para em breve tornar-se referência feminina na história e existência do movimento, próprio cangaço.

Neste sentido, no período anterior à Maria Bonita, atenta-se que havia inaceitabilidade perante a entrada da representação feminina no Cangaço, como denota Nascimento (2015, p. 17): “Até que Lampião, o seu comandante maior, se

¹⁴ Evidencia-se que - de forma inapreensível - Maria “Bonita” (re) nasce na data 08 (oito) de março, também comemorado mundialmente como o dia internacional da Mulher e da história de luta pelos diretos femininos.

deixou envolver pelos olhos negros de uma baiana, de rara beleza sertaneja, que desafiando os princípios da época, resolveu seguir o caminho do cangaço ao lado do homem que ela admirava” (NASCIMENTO, 2015, p. 17).

Mesmo assim, muitas foram e continuam sendo as interrogações a respeito da presença feminina nesta corrente, desde a entrada, as experiências, e saídas e/ou mortes pelo caminho entre mandacarus e flores. Mas, partindo disto, notara-se que ao grupo de Lampião e Maria Bonita pertenciam ou aqueles e aquelas que se sentiam injustiçados; ou os aventureiros; ou os facínoras (em torno do apoio de proteção da polícia).

Situa-se então, que mesmo imbuídas em um espaço perigoso e incerto, aonde havia convivência com outras pessoas em busca de justiça social, aventura e/ou proteção... “a liberdade, o sonho e a aventura” perpassavam a vida das cangaceiras que se dispuseram à vida de “canga”, bem como a possibilidade de uma existência diferentemente fascinante à de outrora, ao lado de seus familiares.

Nascimento (2015, p. 64) retrata ainda que as mulheres não combatiam com os homens – mas tinham que aprender a atirar “por amparo”, e mais, não se destinavam apenas aos afazeres domésticos - como relativos apenas a mulheres, na época.

Ainda segundo Nascimento (2015, p. 81), Maria “apresentava a beleza clássica da mulher sertaneja”¹⁵. Encantada por Lampião, com ele viveu os (des)prazeres da vida cangaceira, como colocadas por Maria Adília, em uma postimeira entrevista cedida (ao vivo) para SANTOS (2007) em *Memórias de uma ex-cangaceira: a última entrevista de Maria Adília*. Sobre o ingresso no cangaço, (Maria Adília, jan/2002 para SANTOS, 2007, p. 142) Adília, já com 82 anos, relembra que tinha 15 (quinze) anos de idade e que namorava um rapaz cangaceiro de forma proibida pelos pais (remete-se à também tenra idade de Maria Bonita no ingresso ao cangaço), e foi quando ela recebera a proposta de ir com ele junto ao bando para o lado sul, e eis a resposta:

ADÍLIA: Aí eu disse: Se você for pro inferno e vier me buscar eu vou, quanto mais pro sul [...].

ENTREVISTADOR: Aí não era pro sul, era pro cangaço?

ADÍLIA: Era pro inferno.

¹⁵ Tal qual Maria Bonita, a personagem amadiana Gabriela “apresentava a beleza clássica da mulher sertaneja”, assim, características convergentes e divergentes entre ambas, estão apontadas nas considerações finais deste trabalho.

Quando questionada, por sua vez, sobre Maria Bonita, Maria Adília é enfática ao contar que ela era pessoa de boa índole, exceto em caso de denúncia feita por outras pessoas da sociedade ou mesmo pelos próprios cangaceiros: “ADÍLIA: [...] Maria Bonita era boa pessoa, boa, boa pessoa também. Eu não tenho queixa de Maria Bonita” (Maria Adília, jan/2002 para SANTOS, 2007, p. 146).

Quando a temática envolve filhos e maternidade, Adília relata: “só tive um. Eu não sei onde é que ele mora. Mora em São Paulo, mas não sei o endereço dele. Agora eu tô com vontade de ir acolá para vê se ele me dá notícia. Ele mora em São Paulo, mas eu não conheço” (Maria Adília, jan/2002 em entrevista cedida para SANTOS, 2007, p. 147). Nota-se que, pelo fato de não conhecer, ter contato, ou mesmo saber informes em relação ao filho, M. Adília expressa uma das marcas negativas deixadas pelo envolvimento com o cangaço. Assim como Adília, pode-se intercalar uma ponte imaginária entre a realidade dela, com a de Maria Bonita, uma vez que esta também teve que se separar da sua filha Expedita (que viva, reside hoje em Aracaju-SE, transcendendo o estado do Nordeste).

Por outro lado, enquanto “boas recordações do cangaço”, a ex-cangaceira menciona as festas ao lado da “rainha do cangaço” feitas entre eles com marcação à presença do xaxado – dança pernambucana propagada pelos cangaceiros – em diversos lugares. Nessa mesma faceta, Santos (2015) completa:

Sila, pertencente ao mesmo sub-grupo de Adília, relata que em um dos coitos eles dançaram ao som da “sanfona de Pé quebrado, sanfoneiro dos bons”. Também comenta que o cangaceiro Pitombeira contava as façanhas do Capitão Lampião em tom de narrativa, sorrindo e teatralizando cada passagem, numa prova de que o cangaço escrevia o seu próprio texto maravilhoso e fantástico, possivelmente em diálogo constante com a literatura de cordel [...] (SANTOS, 2015, p. 149).

Aqui, apesar das dores trazidas pela decisão em acompanhar o namorado cangaceiro, conhecido como Canário, percebe-se que até a então data da entrevista - a nordestina Adília mantém na memória tanto maus momentos; como instantes vivenciados com sentido, que promoviam o fortalecimento e a integração do grupo permitindo contato com os valores no “criar, vivenciar e ser”¹⁶. Assim, além das danças expressivas, o modo ideológico de vivências, bem como as peculiaridades atribuídas ao Cangaço, os cangaceiros tinham características que até à atualidade

¹⁶ Fazendo menção aos “valores criativos, vivenciais e atitudinais”, que serão melhor vistos em Maria Bonita, no capítulo seguinte.

contemporaneidade servem de identificação do povo nordestino, tais como as estampadas nos bordados das roupas...

Assim, sejam quais fossem os motivos pessoais que porventura pudessem incentivar uma mulher ao contato com o Cangaço, juntando-se à Maria Bonita, Virgolino - a princípio de forma indireta - permitira que outras mulheres entrassem na voragem. E com isto, sabe-se que outras seguiram a vida de cangaceira, cada qual com as suas especificidades que a tornavam únicas em suas próprias belezas, apesar dos dissabores. Maria pode representar a força das muitas mulheres sertanejas, desgarradas, desnudadas de suas amarras sociais, para calçar alpercatas que conduzam ao caminho árduo, assegurada na mão um lampião até Angico.

Aqui, considera-se que apesar do sofrimento no cangaço, a mulher nordestina tal qual *Maria Bonita* poderia ver, na ida para o grupo; ou para a cidade - no caso da personagem amadiana *Gabriela*; a fuga da dominância de coronéis na sociedade, e bem como de seus próprios lares, que não permitiam que a liberdade fosse expressada de forma autêntica, como aborda Viktor Frankl. Assim, segue-se na propositura de uma analítica existencial que vislumbra as personagens Gabriela e Maria Bonita enquanto expressões autotranscendentes, seja através de “diferenciação”, “afetação”, e “entrega”, seja com a experiência valorativa, no ato de criar, vivenciar, ou mesmo agir atitudinalmente, como será visto no próximo capítulo.

4 REFLEXÕES ACERCA DE UM ENCONTRO ÉPICO: “AQUARELA NORDESTINA”

Já tendo abordado em um primeiro capítulo a teoria frankliana sobre o sentido, a autotranscendência e os valores e em um segundo momento apresentado o romance amadiano sobre Gabriela e o cordel acerca de Maria Bonita, no terceiro e último capítulo far-se-á a análise do *corpus* partindo da hermenêutica de Frankl no que concerne ao fenômeno autotranscendente percebido no conteúdo (bardiniano) das narrativas das duas personagens nordestinas.

Para tal, elucida-se as categorias analíticas escolhidas como apoio ao uso hermenêutico da Análise de Conteúdo que estão expostas nos excertos em modo de “expressões valorativas existenciais de Maria Bonita e de Gabriela: o sofrimento, como valor atitudinal; o amor, como valor vivencial; e a arte, como valor criativo”; e “ramificações autotranscendentes nas protagonistas: afetação; entrega; e diferenciação”. Para melhor divisão, primeiramente analisar-se-á a personagem *Maria Bonita*, e em seguida, *Gabriela*, por último o encontro épico entre as protagonistas nordestinas.

4.1 “FACES E FASES”: RECORTE METODOLÓGICO

A eternidade é o estado das coisas neste momento.

(Clarice Lispector)

Certamente, as vidas de *Maria Bonita* e *Gabriela*, a nós não eram apreensíveis - quando a primeira vivenciou a ida para o Cangaço e teve a sua biografia retratada por Jairo Mozart; e a segunda flamejava na mente criadora de Jorge Amado até tornar-se livro. Agora, contudo, o inexplicável salta aos olhos, pois pode-se contemplar e deleitar estudo sobre elas. Para isto, retirou-se fragmentos do cordel brasileiro mozartiano *Maria Sempre Bonita*, assim como, excertos da narrativa do romance amadiano *Gabriela, Cravo e Canela*, para iniciar uma análise da representação da autotranscendência nas personagens.

Aponta-se que a autotranscendência nos acompanhará neste capítulo configurando-se como aporte hermenêutico, porém, também utilizado como um suporte aos aspectos metodológicos, o método “Análise de Conteúdo” de Laurence

Bardin (2011) que servirá para escolha de “unidades temáticas” presentes nos conteúdos de versos e de prosas extraídos do cordel sobre Maria Bonita e do romance sobre Gabriela. Vale salientar que, com base nas obras, lançou-se o olhar aos aspectos peculiares a elas notando a manifestação autotranscendente das mesmas a partir de suas vivências, modo de ser, de relacionar-se, enquanto “mulheres/personagens” nordestinas.

Esse tipo de abordagem permitirá obter um conjunto de discursos que representam vozes, imagens, e representações das duas protagonistas sertanejas. E, conforme Rocha & Souza (2019, p. 18), na “[...] análise codificaram-se categorias que subsidiaram encontrar pontos convergentes” entre as expressões e manifestações das personagens, seja por meio de seu cordelista, ou escritor, pelas palavras que dão vida à Maria Bonita e à Gabriela.

Para que o tópico analítico fosse possível fez-se uso de temas direcionados pela Análise Existencial frankliana no objetivo de perceber as seguintes nuances autotranscendentes: expressões com valores de atitude; vivência; e criação; e afetação; entrega; e diferenciação nas personagens. Cada classe segue apresentada nos quadros precedentes:

Quadro 1 e Quadro 2 (Categorias de análise escolhidas como apoio ao uso hermenêutico da Análise de Conteúdo bardiniana)

Quadro 1 Expressões valorativas existenciais de Maria Bonita/de Gabriela

1.1 O sofrimento: Valor atitudinal

1.2 O amor: Valor vivencial

1.3 A arte: Valor criativo

Quadro 2: Ramificações autotranscendentes nas protagonistas

2.1 A afetação: Nós

2.2 A entrega: Duas

2.3 A diferenciação: Você e eu

Aqui, debruçou-se ante as escritas, tendo como *corpus* documental, o romance (1958) e o cordel (2015), e visando uma melhor compreensão da análise realizada, fomentou-se um campo semântico plausível que culminou nas seguintes unidades analíticas ramificadas da Autotranscendência: valor atitudinal (perante o sofrimento); vivencial (pelo amor); valor criativo (pela arte); e a afetação; a entrega; e

a diferenciação.

Reforça-se que para esmiuçar as categorias elencadas a partir do discurso sobre a personagem Maria Bonita assim como daquele composto em Gabriela ordenou-se como primeira colocação o texto do cordel escolhido: Maria Sempre Bonita - Jairo Mozart; e para um segundo momento a parte a que compete à protagonista Gabriela – Jorge Amado, como expandido posteriormente. Entretanto, é preciso situar o leitor, de que nem sempre a forma composicional/estrutural do cordel e do romance seguirá uma ordem sequencial, haja vista que as classes de temas escolhidos dialogam-se.

4.1.1 “ACORDA MARIA BONITA: (QUE) O DIA JÁ VEM RAIANDO”¹⁷

Costuro o infinito sobre o peito.

(Hilda Hilst)

Já tendo apresentado Jairo Mozart, ressalta-se que, enquanto cordelista, o artista é autor de mais de 20 (vinte) cordéis, entre eles: O Auto de Lampião no Além; A História do Cordel em Cordel (apresentado no presente estudo); e Maria Sempre Bonita (*corpus* exemplificador do escopo em questão). Jairo escreveu e lançou o cordel biográfico *Maria Sempre Bonita* em homenagem à mulher através da Secretaria Estadual da Mulher e da Diversidade Humana - na exposição “Elas - Memórias e Conquistas”, na Estação das Artes em João Pessoa - PB, em 2015.

Frisa-se que o cordel brasileiro *Maria Sempre Bonita* conta com 20 (vinte) estrofes; com 10 (dez) versos em cada uma delas. Aqui, destaca-se o que considerou-se como plausível ao estudo no que se refere a aspectos de transcendentalidade de si, isto é, autotranscendência, como abarcada por Viktor Frankl e adeptos à Análise Existencial. Entretanto, há a necessidade de contar o cordel para melhor contextualização do conteúdo presente e de esmiuçá-lo nas categorias que serão apresentadas - a partir de então - sob um viés analítico:

¹⁷ Na letra musical original tem-se: “Acorda Maria Bonita, acorda vai fazer o café”, contudo, relativa ao papel feminino de servidão ao cangaceiro, pensou-se opositamente em Maria Bonita acordando para um novo dia, passível de valor existencial e sentidos.

Categoria temática 1: Expressões valorativas existenciais de Maria Bonita

1.1 O sofrimento: Valor atitudinal

É válido frisar que a tópica de encontro entre Lampião e Maria Bonita (aqui colocada) refere-se àquela pautada nos preceitos de Frankl, em que Maria é pessoa livre, tendo ela própria realizado a vida cangaceira, pois, saiu de sua casa, do lado de seus pais, familiares e do matrimônio – aos 15 anos de idade com o sapateiro José de Neném, para lançar-se ao Cangaço juntamente com Virgolino (cujo amor, gestação de uma criança e morte foram vivenciadas ao seu lado). Na primeira estrofe do cordel de Jairo Mozart, já se tem o destaque para as origens regionais da moça, de sua humildade e como mulher exemplar pela vida que levou mais à frente no cangaço mantendo raízes altruístas e de nobreza, até hoje lembrada e refletida:

I

Vou falar d'uma sertaneja baiana
 Da Fazenda Malhada lá do Caiçara
 De origem muito simples, joia rara.
 Um exemplo de mulher muito bacana
 Pelo jeito que viveu foi soberana
 E tinha um olhar altivo e nobre
 Com sua pele morena cor de cobre
 Que pela voz do povo foi comentada!

[...].

II

Filha de dona déa e Zé Felipe
 Maria Bonita casou muito cedo
 Assim, ao sair de casa teve medo
 Mas a vida lhe deu esse pontapé.
 Que sem maturidade foi um golpe
 Com marido que era um sapateiro
 E trabalhava o dia inteiro

[...]

A vida do casal ficou difícil
 Com uma relação de furdunheiro.

Nesta segunda estrofe, continua a apresentação da filiação de Maria; o casório em tenra idade (como de costume à época); e o reforço de que mesmo com

o receio lhe acompanhando com uma nova atitude na “saída de casa”, ela respondeu à vida com seus próprios pés; mas a falta de maturidade a golpeara, pois que com o esposo, “não havia pés que lhe cabiam”, o “balaio” virou motivo para a busca de sentido.

III

E pra casa dos pais ela fugia
 E n'uma dessas Lampião a conheceu
 À primeira vista amor aconteceu
 Pelo caminho que Lampião fazia.
 Pra visitar seus pais com alegria
 Já que sentia por eles amizade
 Que era sincera em realidade.
 E em pouco tempo Lampião voltou!
 E o casamento se concretizou
 Partindo Maria sem deixar saudade.

Na terceira, tem-se exposta a insatisfação de Maria com o casamento, fazendo-a às vezes refugiar-se na casa de seus pais. O autor conta que foi em uma dessas andanças para lá, que ela conheceu Virgolino – o Lampião, rei do cangaço, amigo de déa e Zé Felipe. Como a vida no cangaço era de lugar em lugar, em uma das voltas à Malhada de Caiçara, Maria casou com “Lampião” e com ele partiu em valor atitudinal, pois não podia mudar o sistema, mas mudou a si mesma.

Assim, a partir da iniciação do escritor pode-se retomar que Maria Bonita vivia com os pais até casar-se, mas que o matrimônio não seria pacífico, o que depois vem a culminar na separação do casal e no encontro com Lampião. Aqui, Maria vive então a “atitude” como expressão valorativa diante da situação que julgara como desagradável/sofrível e lança-se à ida para o Cangaço, mais na saída mesma de si, ao encontro também com Virgolino com possibilidades de sentido que se apresentavam enquanto cangaceira, apesar das condições que não podia alterar – como apregoa a Análise Existencial frankliana, no que tange ao homem no curso de sua vida deparar-se com o inevitável, incontrolável e humano, como pode ser visto nas estrofes que se seguem:

IV

Maria deixou a casa de seus pais
 Para mudar a história do país

Quando decidiu viver com Lampião
 Com a imagem da mulher tendo razão.
 E na jornada trabalhou com coração
 E o sertão arcaico do nordeste
 Abriu espaço pra mulher valente
 No lugar da mulher digna de pena!
 Surgiu a corajosa e serena
 Como improviso feito no repente.

Continuando na ida de Maria para o cangaço, nota-se que a mesma modificou os moldes femininos do nordeste, mas marcando a historicidade do Brasil e também vindo a ser conhecida culturalmente como patrimônio nordestino quando decidiu, pelo poder de escolha, ir para as vivências do cangaço - com a imagem da mulher tendo razão – diferente do modelo patriarcal. Com ela, na luta, por amor – autotranscendência – alargou o campo para outras mulheres guerreiras, corajosas, deixarem aquele “papel social” de submissas, passivas, e ... improvisar... como às vezes ocorre com a própria vida com algo que não podemos modificar, levando-nos a modificar-nos.

VIII

Foi mulher bandoleira livre e forte
 Que rompeu paradigmas d’uma época
 Repressiva ditatorial e louca
 Bem determinada e com muita sorte.
 Tendo apenas o bando de suporte
 Pra viver um amor, uma aventura.
 N’uma vida de prazer e amargura
 Resistiu digna e fielmente !
 Sua história hoje bem presente
 Sempre enfatiza sua formosura.

Acima, por sua vez, nos adjetivos da biografia de Maria a partir de Jairo Mozart, vê-se ainda que a personagem foi expressão de ser humano “livre”, com força para quebrar barreiras de um tempo, como dito, que oprimia, ditava como as mulheres deveriam se comportar. No sofrimento, os amigos cangaceiros eram o apoio; um “amor”, como o de Lampião; uma “aventura”, como as fugas (embora algumas acabassem de maneira trágica – e o que estava feito era soma de escolhas, que não dependiam apenas de Maria Bonita). O autor não esquece de

marcar que a existência era permeada de “prazer e amargura”, mas que apesar disso, foi resistente, digna e aleal ao bando e a seus princípios. Sua “história” ainda continua vívida, sua “formosura” também.

Neste ponto, a colocação de que Maria Bonita atuou com “decisão” acompanhando e passando a “viver” com Lampião, vem a colaborar mais uma vez frente ao poder de decisão da pessoa perante a sua existência, pois, ao apartar-se de sua família, em abertura para o novo, Maria busca o seu sentido existencial e colabora com outras mulheres na possibilidade de também elas o encontrarem, como pontua Frankl (2008), quando cita que “encontrou o sentido de sua vida ajudando os outros a encontrá-lo”.

Nesta estrofe 04 (quatro) pode-se outra vez notar que, no “nordeste”, a atitude de Maria ao deixar seu lar para aventura-se no cangaço, “abriu espaço”, que assim como ela, vivenciavam as ordens do Coronelismo. É assim que Mozart (2015) toma como ponto de partida a transformação social que Maria Bonita propiciou quando ao aderir ao movimento ousou ser livre, e daí, a figura da mulher nordestina vista como subversiva, passa à pessoa humana e “corajosa” dotada de inúmeras e possíveis experiências existenciais. Assim, no cordel de Mozart (2015) demarca-se novamente a “inquietação” eo valor “atitudinal” em Maria, quando enfatiza na nona estrofe que já em meados da década de vinte (1920): Maria Bonita/ [...] /Buscando novo rumo em seu mundo/Era mulher inquieta e de ação. [...]”.

Neste sentido, percebe-se a seguir que na metade de suas colocações no cordel analisado, Jairo Mozart encaminha-se ao que se pode chamar de “segunda parte” da sua produção, cujo enredo envereda para o ápice da consagração feminina no cangaço. Mozart (2015) aponta para o “destaque” dado à Maria Bonita quando a morte lhe alcançou - através das volantes. É claro que a “dor” física gritou em seu discurso, mas já que lhe alcançou, o que nos impressiona é a “sobrevivência” relativa à personagem “destemida e guerreira” que Maria foi e que ela continua sendo.

Disto, leva-se em consideração a “faculdade de ir além de nós mesmos, em direção a outras pessoas para amar ou a causas pelas quais lutar” (Frankl, 1990). Daí, o sentido surge quando a pessoa se lança “finalmente” nele, pois que, o sofrer de Maria bonita acabara por tornar-se “trunfo”, ou seja, partindo de um valor atitudinal - seja por amor à Lampião e/ou à causa social que erguera o cangaço – pensando-o como um “movimento” que reconhecidamente deu vazão a tantas outras

personagens do nordeste do Brasil, para além do sofrimento humano incurso, como pautada com base nos versos seguintes de *Maria Sempre Bonita*:

XIV
(1935)

Maria foi destacada na imprensa
Quando em Pernambuco foi baleada
Tiro nas costas a deixou estragada
Muito ferida sofreu com dor intensa.
A sua cura comentário dispensa
Foi luta cangaceiros e polícia
Ela sobreviveu, virou notícia.
Que passou imagem de guerreira !
E destemida tal qual a curupira
D'um jornalismo feito com malícia.

Por seu destaque com garra, Maria Bonita apareceu na imprensa quando fora morta com um tiro nas costas, covardemente, com tamanha dor que parece que queriam destruir toda a história dela e que não deixasse legado. A batalha foi feia, porém, Maria sobreviveu em noticiários, nos jornais, nos filmes, e mais: na cultura nordestina; na história do Nordeste.

Contudo, mesmo que a história de Maria Bonita tenha sido permeada por sofrimento e contratempo causados pela própria conduta do Cangaço, o cordelista Jairo avulta que a “feminilidade” de Maria consagrou-a na vida da protagonista nordestina, tendo a representação de “grandeza” “sempre bela” enquanto ser que existiu e permitiu-se existir e buscar sentido, quiçá, encontrando e possibilitando também encontros diversos:

XV

Apesar da história conturbada
Ela não deixou seu lado feminino
Usando o que recebeu de ensino
Quando Maria déa era chamada.
Tempo que vivia com a criançada
Aprendendo bordar sem muita ânsia
No seu pouco tempo de infância
Que certamente foi um bom momento
Feito um ponto de luz no firmamento

Que na grandeza mostra existência.

E foi então que a menina de déa, virou Maria de déa, depois a Maria Bonita do Capitão¹⁸ (Lampião), para só então ser a Maria Bonita: Mulher fêmea, sinsinhô! Que marcou-se no tempo para marcar o seu tempo, afinal:

XVI

Ela entrou pra história do Brasil
 E ficou eternamente Bonita
 Quem pesquisou sua vida acredita
 Que tinha arma, mas sempre foi gentil.
 Com todo povo do sertão azul anil
 Nos oito anos que no Cangaço passou
 Bem mulher foi amada e amou
 Virou rainha, figura lendária !
 Que apesar de ter vida precária
 Muito respeito ela conquistou.

Nota-se que mesmo com os alçozes do cangaço, Maria ficou registrada na memória, imaginário, cultura, e estudos: eternizada. E do lado do rei do cangaço, foi considerada “rainha”, lenda (viva), respeitada como símbolo do Nordeste: lembrada. Acredita-se que será a Maria (sempre) Bonita, entretanto, lembra-se que, como Frankl afirma, não é que seja preciso sofrer para encontrar sentido, mas é que, magnificamente, mesmo no sofrimento, há a chance de preencher sentidos. Foi isso que esta categoria analítica quis destacar.

Para “fechá-la”, expõe-se a emblemática estrofe na qual Mozart retoma o tema da morte de Maria Bonita e bando, concomitantemente ao chamado “fim do Cangaço”, dado de forma trágica, “cruel”, “violenta” e banal; permitindo enaltecer com expressividade a categoria “sofrimento”, todavia, com ênfase de que mesmo na dor é possível transpassar-se e viver:

XIX (1938)

A Maria Bonita [...]

Em uma emboscada, assassinada.

¹⁸ Em menção ao livro: “Maria Bonita do Capitão” (2012), de Germana Gonçalves e de Vera Ferreira (essa última sendo neta de Maria Gomes e Virgolino Ferreira, vulgus Maria Bonita e Lampião). E lembrando também da obra “de Virgolino a Lampião” (1999).

E também cruelmente decapitada
 Juntamente com Lampião sem engano.
 N'um ato bem violento e profano
 [...]
 E assim, o Cangaço, finalizaram.

E, nesta baliza, o mentor da Logoterapia e Análise Existencial define que o homem é essencialmente transcendente não só “ao meio ambiente ou em direção a um mundo”; “ao mundo” em si; mas também “em direção a um dever”; pois, “sempre que o homem excede a si mesmo, dessa maneira ele se eleva acima da sua dimensão psicofísica, [...] e penetra no espaço do verdadeiramente humano, [...] na dimensão noética [...]” (FRANKL, 1991, p. 62). Aqui, continua sendo ressaltada no discurso da personagem, a atitude frente a coragem e o sofrimento, quando a “liberdade” e a “determinação” reinam em Maria Bonita, uma mulher da região nordeste, que por intermédio do “amor” abraçou a vida “bandoleira” de “resistência”, e a seu modo, humanamente “digno”, teve sua beleza jamais esquecida no marco da mulher nordestina.

1.2 O amor: Valor vivencial

Partindo, ainda, dos versos acima, preludiando o “amor” da personagem nordestina Maria Bonita em alvo a Lampião (deixando o antigo marido e rompendo moldes socialmente estabelecidos entre homens e mulheres), também nos versos da sexta estrofe seguinte, perdura a evidência de quão grandiosa fora a inserção de Maria Bonita no cangaço nordestino, haja vista que, com essa, a forma de se pensar ante a dicotomia homem-mulher sofrera “mudanças” bruscas. Inclusive, chegando a situar “a mulher em um novo espaço”, onde ela possa permitir viver, ser com sentido (como enaltecido por Viktor Frankl) e possibilitando, então, a “renovação” do cangaço dentro da “história” sobre as sertanejas:

VI

Depois de sua entrada no cangaço
 Quase quarenta mulheres a seguiram
 Importantes mudanças aconteceram
 Mágica transformação de nó em laço.
 Trazendo a mulher um novo espaço
 Modificando muita coisa no sertão

No Cangaço: guerra e amor em comunhão.
 Foi quem mudou o rumo da história !
 Que pras mulheres foi uma vitória
 E para o Cangaço a renovação.

Reforçando, percebe-se como o ingresso de Maria Bonita, no Movimento, conseguiu atrair e mover outras mulheres a também seguir a lida. Relevantes modificações foram notadas, pois com ela houve o protagonismo da mulher em um movimento também político-social, abrindo lugar para a voz, “o amor, em comunhão”, trazendo renovo e harmonia ao cangaço, graças à louvável presença feminina. No que tange ainda ao amor, os versos da estrofe XVII abordam o tema ‘maternal’, pois:

XVII

Quatro vezes Maria engravidou
 Três morreram e uma sobreviveu
 Foi a parteira Rosa (*quase Flor*) quem resolveu
 E a menina Expedita chegou.
 Ela foi a herdeira que restou
 E se criou com pais adotivos
 Lampião e Maria tinham motivos
 Como todos os outros do seu bando !
 Pois bebês nasciam de vez em quando
 E só assim podiam mantê-los vivos.

Aqui, sabe-se que nesse tempo, não haviam métodos contraceptivos e que por isso também era comum as mulheres engravidarem e/ou sofrerem abortos. E para esta categoria, pautamo-nos no conteúdo antecedente de que a personagem Maria estava em sofrimento – já que não podia exercer o papel materno que teria vontade - uma vez que gerou e permitiu o nascimento da filha (Expedita) e sobremodo teve a ação “atitudinal” em colaborar para que ela tivesse uma vida nova. Mas frisa-se mesmo o valor vivencial através do amor, porque decerto, nos trechos posteriores Maria Bonita alivia-se e enriquece a si com o ato de entregar a filha para ser cuidada já que não podia fazê-lo.

XVIII

O bebê foi entregue a um casal
 Amigos de confiança do Cangaço

Por eles Lampião dava seu braço
Dedicação com amigos era normal.
Lutando com os que queriam fazer mal
Pelos favores por eles concedidos
E por isso não seriam esquecidos
Tal qual moeda d'um miaeiro !
Com dona de casa e um Vaqueiro
Expedita teve pais merecidos.

Neste curso, em se tratando de entrar para a lenda na história do Nordeste, fixa-se o ponto do “mito maternal” ligado à mulher, uma vez que o discurso mozartiano ressalta a existência de “Expedita”, prole de Lampião e Maria Bonita. Neste âmbito, ele diz ainda que, tanto o rei do cangaço quanto as demais pessoas de seu grupo tinham os seus “motivos” para entregar um infante a “pais adotivos”, já que a permanência de uma criança muitas vezes era passageira por conta dos perigos, sofrimentos, ou mesmo da morte. Disto pode-se destacar então, a expressão residente a partir da temática “amor”, em valor de vivência.

Assim, à frente, as estrofes XVII e XVIII abarcam então a figura de uma filha que Maria Bonita teve com Lampião, e os genitores da criança possibilitaram que a mesma tivesse uma vida livre, aberta ao mundo e aos outros, pois, através da vivência como amor mostra-se que o casal de cangaceiros escolheu doar a filha, no ato também afável de entregá-la para que não perecesse na vida do cangaço. Aqui, doaram-na “para quem confiavam” e tinham a certeza de que cuidariam bem da mesma, já que seriam seus amigos: “por eles Lampião dava seu braço”; certeza; aparecendo ainda a responsabilidade do ato humano e sua decisão - ao também sair de si mesmo em direção a um outro, que igualmente “saiu” de dentro de si, fez-se criação, gestou-se: Expedita.

1.3 A arte: Valor criativo

Nessa categoria, observa-se que Jairo Mozart deteve-se a abordar várias manifestações artísticas que versam sobre a ‘rainha do cangaço’, isto é, nos trechos Jairo aborda Maria Bonita enquanto inspiração para pessoas, na criação de filmes; cinema; costura (trazendo para nossas vestes a moda dos cangaceiros: como

os chinelos feitos com couro, o jibão – roupa para a montaria protegida, as saias, fantasia); teatro (encenação); música (que trazem o assunto sobre o Cangaço); a literatura de Cordel (como esta criada por Jairo); a dança (o xaxado popularizado pelos cangaceiros e até hoje representado e vivenciado); museus; livros; exposições com artefatos usados por Maria e bando; pinturas; Centros de Cultura; estudos (como este), assim como os infinitos referentes de sentido criativo que podem emanar desse valor.

Como visto:

X

Ela recebeu muitas homenagens
 Em forma de filmes e literaturas
 Peças teatrais e xilogravuras
 Que a nossa cultura trouxe vantagens.
 Feito chuva que no campo traz pastagens
 Também dezenas de músicas surgiram
 Moda, fotografia se expandiram
 Enaltecendo a musa sertaneja !
 Mostrando a sua vida de peleja
 Com opção de escolha que preferiram.

Entretanto, há na estrofe V a referência à “Musa da Mulher Rendeira”, assim abre-se um parênteses para destacar a habilidade criativa de Maria Bonita para a costura/renda - incluindo um dos presentes que Maria deu a Virgolino: um lenço bordado por ela e que ele, ao ir buscar a encomenda, apaixonou-se pela moça; e também, a criatividade no xaxado – como marcado nas películas filmísticas, aonde aparecem os cangaceiros dançando, inclusive Maria Bonita atribuindo então a ela, o valor criativo.

Outrossim, no cordel *Maria Sempre Bonita* há ainda espaço para a criatividade do artista, haja vista o realce para a data do nascimento de Maria Bonita - 08 (oito) de março - ficou marcada por lutas e glórias que objetivam até os dias de hoje, garantir os direitos a cada existência, e considerando que o referido cordel foi composto especialmente para uma apresentação artística em um mesmo dia “08 de março”, cujo convite, afetação e entrega alcançaram o autor e a sua obra:

XX

Dia Oito de Março ela nasceu

Se não foi destino foi acaso
 Seja lá o que for não vem ao caso
 Importante é o que aconteceu.
 A história não desapareceu
 E o planeta comemora com você
 Com diferenças que podem acontecer
 No dia Internacional da Mulher!
 E amor e equilíbrio que se quer
 Pra ver a vida nesse mundo florescer.
 FIM.

Categoria temática 2: Ramificações autotranscendentes em Maria Bonita

2.1 A afetação: Nós

Já a categoria “afetação”, prova o apontamento de Efrén Ortiz (2012, p. 91-92): “haja vista que o que capta o ser, também o toca”, aqui, “ressoa afetivamente captando referências de intenções de sentido que lhe permite doar-se, entregar-se (como veremos); aguçando a capacidade de sacrificar-se, de servir e ser altruísta, a uma missão, pessoa, tarefa”. Com isso, a autotranscendência “mobiliza a capacidade intencional da consciência para encontrar sentido”, e assim, pontuam-se os versos:

V

A Maria Gomes de Oliveira
 Conhecida como Maria Bonita
 É hoje considerada ativista
 Com história que não é brincadeira
 Musa da Mulher Rendeira
 Foi quem rompeu barreiras no passado
 Deixando o machismo desolado
 Com a aparição da Cangaceira !
 Que por amor, de Lampião foi parceira,
 Passando a cavalgar ao seu lado.

Em conformidade, no que tange à “entrega” expressada na vida da protagonista do cordel Maria Bonita, o cordelista Jairo Mozart demarca o “ativismo” que também aludimos analiticamente à “afetação”, que segundo Ortiz (2012, p. 91)

“seria o impacto emocional que se produz quando ‘estar junto a’ um valor ou sentido”, nesse caso ao valor do amor, nisto, sendo “a capacidade de desejar ser tocado pelo sentido captado”, ou seja, “de que seja ressoado afetivamente em sua presença”. Nota-se que Maria foi afetada pelo amor do cangaceiro.

2.2 A entrega: Duas

Assim, partindo da entrega ao outro e depois à causa social (talvez não consciente à princípio, Maria já estaria entregue ao empoderamento. Ressalta-se que estamos falando da Maria Bonita do cordel de Jairo Mozart, não a Maria Bonita “histórica”. Destarte, imbuída no modo de viver da cangaceira Maria Bonita é permitido que a realidade possa - de alguma maneira - ser transformada, como por exemplo, no caso das vivências com o bando cangaceiro; na união/integração que movimentava o cangaço; e mais, em Maria Bonita com uma representação da autotranscendência da personagem nordestina, “rompendo barreiras” (tais quais o modo “machista” de ação) e quebrando o ponto do ineditismo masculino no movimento, devido ao companheirismo, à “parceria”, e ao sentido encontrado no caminho onde andava ao lado, de mãos dadas à Lampião - iguais, mas diferentes. Maria então, após sentir-se afetada pelo amor de Lampião, entregou-se à vida ativa no cangaço, realizando uma entrega em numa ação concreta.

2.3 A diferenciação: Você e eu

Continuando, na categoria elencada, no texto que se apresenta em seguida, são lincadas características singulares da personagem Maria Bonita (a rainha do cangaço nordestino), atribuídas a ela - no cordel *Maria Sempre Bonita* – através dos adjetivos: “ vaidade”, “bravura”, mas também “meiga” e “peralta”, como observado no seguinte excerto:

VII

Pesquisadores falam de atributos
 Dizendo que ela era vaidosa
 Dengosa, brava e voluptuosa
 E muitas vezes dada a xingamentos.
 Em função de determinados momentos
 Só que nunca escondeu sua meiguice

Talvez herança de sua meninice
 Desgarrada das amarras sociais !
 Pois na infância corria nos quintais
 Justificando a sua peraltice.

Aqui, pode-se notar a capacidade de diferenciação salientada por Ortiz (2012) podendo ser manifesta quando se considera Maria Bonita dotada de atributos suscetíveis à expansão existencial, desde idade tenra, pois se mostrava aberta e liberta “dos padrões sociais” e dos limites impostos pela sociedade que a circundava. Nisto, lembramos de Fabry (1984, p. 41), na pauta de que “[...] cada pessoa é um ser único vivendo através de infinitos momentos únicos e insubstituíveis” e com pessoas também em unicidade existencial que permite se diferenciar uns dos outros.

Doravante, a personagem Maria Bonita é apresentada a nós, com especificidades obviamente distintas/diferentes daquelas expressas por seu companheiro Lampião - e que foram reconhecidas por ela a partir da convivência existencial com ele - pois, antes da entrada de Maria no cangaço, à época, os jornais e outros poucos meios interferentes de comunicação apresentavam um Virgulino “sanguinário”; em contraponto ao que Jairo Mozart refuta, de que na “Literatura de Cordel” o “rei do cangaço” sempre fora retratado como Maria Bonita, como um “sertanejo vencedor”, como notável na estrofe seguinte:

XII

Por isso Virgulino era tratado
 Como facínora e sanguinário
 Um ser inferior e ordinário
 E parceiro de um capeta alado
 Sem ter nada pior a ser comparado.
 Enquanto a Literatura de Cordel
 Sempre em sextilha cumpria seu papel
 Fazendo de Lampião grande vencedor !
 Herói que o sertanejo deu valor
 Igual abelha que defende o seu mel.

Vale frisar que os versos referiu-se ao companheiro de Maria, apenas com o intuito de, a partir dele vermos, em Maria, a capacidade de respeitar a ipseidade apresentada por um outro ser, que não é ela mesma, mas, o Lampião conhecido na

parceria de vivências no cangaço; assim, portanto, configurando efeito autotranscendente na personagem, tendo em vista a elucidação embasada em Ortiz (2012) sobre a expressão de “diferenciação”.

Tendo chegado até aqui, percorrido a análise do movimento autotranscendente na personagem baiana Maria Bonita - no cordel nordestino *Maria Sempre Bonita* (de Jairo Mozart) parte-se-á então para a pauta analítica da protagonista Gabriela – da obra *Gabriela, cravo e canela* (Jorge Amado) no intuito de averiguar expressões de autotranscendência também nela, também “menina”, também peralta.

Na análise de diferenciação de Maria é importante destacar a relevância histórica e social dela, diferente da de Lampião. Dito: enquanto Lampião combate o coronelismo social e histórico-cultural; Maria combate o coronelismo afetivo, expresso no machismo. A diferenciação também reside na singularidade de Maria quando ela cuidava dos cachorros, ficava na “retaguarda”, e participando da sociedade no próprio empoderamento feminino: transgressora dos costumes, pelas relações e propósitos distintos.

4.1.2 “EU (NÃO) NASCI ASSIM, EU SOU MESMO ASSIM”: GABRIELA¹⁹

Um dia a gente morre, vai pro céu; e Deus dá então pra gente um par de asas pra conhecer o mundo inteiro!

(Lygia Fagundes Telles)

Assim, já tendo apresentado a personagem baiana e nordestina, Maria Bonita, partindo do cordel *Maria Sempre Bonita* e notando na personagem manifestações de “autotranscendência” como proposta por Frankl, passa-se à analítica existencial da protagonista Gabriela criada por Jorge Amado, encenada por tantas atrizes brasileiras e lida mundialmente. Pois que, assim como mulher baiana e nordestina, Gabriela, cravo e canela autotranscendente e transcende a sua própria existência.

Frisa-se que o romance em questão conta com 1ª (primeira) e 2ª (segunda) partes; subdivididos em 02 (dois) capítulos cada uma, respectivamente o primeiro capítulo tem 14 (quatorze) subtópicos, e o segundo capítulo, 12 (doze); e o terceiro,

¹⁹ Na “Modinha para Gabriela” - (Caymmi, 1975), lê-se: “Eu nasci Assim”; entretanto, contrapondo-se ao dito psicofísico na pessoa humana, ponderamos que Gabriela transcende uma existência pré-determinada, e constitui-se “mesmo assim”, como é, em liberdade e vontade.

, por sua vez, 17 (dezessete) subpartes; e o último capítulo, 20 (vinte). Agora, perpassados por eles, tem-se o discurso das vivências como postas pelo escritor Jorge Amado em sua representatividade ante a nordestina Gabriela e, neste começo, tem-se a incansável busca de Nacib – sírio e dono do Bar Vesúvio, por uma nova cozinheira.

Assim como em *Maria Bonita*, aqui destaca-se o que considerou-se como plausível ao estudo, no que se refere a aspectos de transcendentalidade de si, isto é, autotranscendência na personagem baiana Gabriela - como abarcada por Viktor Frankl e adeptos, supramencionados no decorrer do estudo. Entretanto, do mesmo modo, há a necessidade de trazer excertos do romance para melhor contextualização do conteúdo presente, visando esmiuçá-lo nas categorias que serão apresentadas - a partir de então - sob um viés analítico.

Categoria temática 1: Expressões valorativas existenciais de Gabriela

1.1 O sofrimento: Valor atitudinal

Para esta primeira categoria, vê-se que o sírio Nacib, proprietário do bar Vesúvio acordou com a notícia inesperada de que a sua cozinheira iria partir, o que o que ele achava um tanto “absurdo” (AMADO, 1977, 34-35), pois era um dia anterior àquela noite em que seria, então, oferecido um “jantar da Empresa de Ônibus Sul- Baiana” para mais de 30 (trinta) pessoas (p. 36), porém:

[...] Naquele tempo, no rastro do cacau dando dinheiro, chegavam à cidade de alastrada fama, diariamente, pelos caminhos do mar, do rio, e da terra, nos navios, nas barcaças e lanchas, nas canoas, no lombo dos burros, a pé abrindo picadas, centenas e centenas de nacionais e estrangeiros oriundos de toda parte [...] (AMADO, 1977, p. 39).

Aqui, vê-se de início, que o desenvolvimento da cidade (Ilhéus – BA) permite o êxodo de outros nordestinos - vindos de todas as partes e de todas as formas - em busca de melhores oportunidades à sobrevivência no cenário cuja seca definhara muitas fontes de subsistência e sofrer. O cacau era a fonte de renda mais visionada por quem procurava trabalho por ali. Da mesma forma, tais possibilidades fomentam vivências de sofrimento culminadas em sentido, como é o caso da personagem retirante Gabriela que nos acompanha no decurso dos apontamentos que se seguem

como ver-se-á. Contudo, nas páginas seguintes do romance, as transformações sociais vão moldando os costumes quanto a outros ofícios, mas seguimos Nacib em sua difícil “peleja”, pois como seria resolvida a repentina situação na qual encontrava-se? “[...] e para ele, cujo vício era comer bem, comidas temperadas e apimentadas? [...] Tinha de arranjar, naquele mesmo dia se possível uma cozinheira e de mão cheia, [...]” (AMADO, 1977, p. 51), isto é, o chamado do momento presente para determinado momento diante da situação não esperada que Frankl dizia, que trazia-lhe tamanha aflição:

Perguntara pelo porto, [...] não sabiam por acaso de uma cozinheira? Nacib nem se deu ao trabalho de ir ao “mercado dos escravos”, [...] onde se amontoavam os retirantes vindos do sertão, fugitivos da seca, em busca de trabalho [...] - Cozinheira? Nem pense. Nem boa nem ruim. Na fábrica de chocolate ganham mais. Nem adianta procurar. Voltou a Ilhéus, cansado e sonolento. A estas horas, o bar já devia estar aberto e, com o dia de feira, movimentado. Necessitando de sua presença, de suas atenções para com os fregueses, sua animação, sua simpatia [...] (AMADO, 1977, p. 63).

Assim, a alusão ao “mercado de escravos” – no porto - relacionava-se a quem retirava-se de sua “terra natal” e apartava-se dos familiares muitas vezes com tamanha infelicidade à separação, para tentar a vida em centros e cidades que vinham crescendo territorialmente e expandindo-se de forma globalizada, entretanto, servindo como “espaço” para novos valores e novas chances pessoais – existenciais e também profissionais. Todavia, nota-se que a novidade residente na nova “fábrica de chocolates” – ressaltando a visibilidade da matéria-prima *cacau* da cidade, era vista como oportunidade para lucro maior do que, a exemplo, o trabalho em cozinha, como oferecido por Nacib.

Nisto, em outro espaço surgia Gabriela “no caminho”, ansiosa por uma vida plena, saindo da seca, do sertão, com atitude mesmo no sofrimento, a procurar motivo para continuar vivendo. Nota-se que no caminho de viagem de ida para Ilhéus as visões da seca vão mudando, quiçá, Gabriela também adentra em um movimento de autodescoberta existencial onde ia experienciando e já realizando “valor atitudinal”, pois o fundo de cor na vida mudara e com ele todo um contexto diferente diante a realidade da seca que não podia mudar:

A paisagem mudara, a inóspita caatinga cedera lugar a terras férteis, verdes pastos, densos bosques a atravessar, rios e regatos, um alambique, plantações de cana balançando ao vento. [...]: menos de um dia de marcha e estariam em Ilhéus, a viagem de pavores terminada, uma nova vida a começar. [...] (AMADO, 1977, p. 83).

A personagem começa a mudar a visão, nesse caso, a do seco para o verde de Ilhéus, e a de si, já que concomitantemente parecia sair de si, ou seja, autotranscender... vinha conversando sobre trabalho ou ofício – já que a razão cuja partida também aí residia e pautava-se na “esperança”, haja vista que a cidade estava à época acolhendo pessoas, pois uma vez que crescia os padrões necessitariam de “empregados”:

Num vai procurar trabalho? [...]. É melhor esperar, não demora e logo aparece gente pra contratar. Tanto pra trabalhar nas roças de cacau ou na cidade[...], a fama de Ilhéus corria mundo, os cegos cantavam suas grandezas nas violas, [...]. Os bandos de imigrantes desciam do sertão, a seca nos seus calcanhares, abandonavam a terra árida onde o gado morria e as plantações não vingavam, tomavam as picadas em direção ao sul. [...] Chegavam dizimados, restos de famílias, quase mortos de cansaço, mas os corações pulsavam é de esperança naquele dia derradeiro de marcha. [...] Alguns quase se arrastavam, sustentados apenas pela esperança. Só Gabriela parecia não sentir a caminhada, seus pés como que deslizando pela picada muitas vezes aberta na hora a golpes de facão, na mata virgem (AMADO, 1977, p. 83-85).

Assim, no sofrimento e na atitude diante desse sofrer, percebe-se que “Gabriela não sentia a caminhada”, já demonstrando sua capacidade resiliente para também valorar criativamente.

1.2 A arte: Valor criativo

A seguir, Gabriela expressa estar apta a quaisquer que sejam as tarefas em trabalho; aberta e por situações que possam lograr sobrevivência, a princípio, e a mais, existência. Ela até consegue ter uma recordação boa, e extraindo algo positivo de um trabalho realizado outrora - o aprendizado em cozinhar, isto é, a exercer ato criativo, e sentir-se bem com isso: Vou me contratar de cozinheira, de lavadeira ou pra arrumar casa dos outros... Acrescentou numa lembrança alegre: - Já andei de empregada em casa de gente rica, aprendi cozinhar (AMADO, 1977, p. 84-85).

Em um outro espaço narrativo está Nacib, na continuação de sua jornada interminável, e eis que fica sabendo que uma nova leva de viajantes chegarão ao porto, comumente buscando por trabalho: “[...] Josué andara pela feira, assistira à chegada de um numeroso grupo de retirantes [...], conversando com Nacib: - Uma quantidade de retirantes. A seca está comendo no sertão. Nacib interessou-se: - As

Mulheres também? [...] - Mais tarde vou lá, ver se encontro alguma... para criar novos pratos e cozinhar em meu bar (AMADO, 1977,p. 115):

[...] Quanto a ele, buscava apenas uma mulher não muito moça, séria, capaz de assegurar-lhe a limpeza da pequena casa da ladeira de São Sebastião, a lavagem da roupa, a comida para ele, os tabuleiros para o bar. Nisso estivera o dia inteiro, andando de um lado para o outro [...]. Nacib buscava entre as sertanejas alguma parecida com Filomena, mais ou menos de sua idade, com seu jeito resmungão (AMADO, 1977, p. 115).

Vê-se que aos padrões sociais do período histórico em questão, a mulher detinha o cuidado com a casa e a família, no que se refere também aos afazeres domésticos “obrigações de esposa” (tais como, manter casa e roupa limpas; fazer a comida; cuidar dos filhos; ser benquista à sociedade; estar disposta sexualmente ao marido; ter boa aparência e autocuidado estético). Inclusive, este último aspecto “trapaceou” Nacib à querência em contratar uma pessoa com o perfil parecido com a da cozinheira anterior, ou seja, “mais velha”:

Meu Deus, onde encontrar cozinheira? [...]. Nacib chegara. [...]. A mulher levantou o braço, sacudiu a mão, voltou-se novamente para a anciã, recebeu a cuia vazia. Ia retirar-se, Nacib perguntou-lhe, ainda na admiração da velha alquebrada: - É sua avó? - Não, moço - parou e sorriu, e só então Nacib constatou tratar-se realmente de uma jovem, porque os olhos brilhavam enquanto ela ria. [...]. A gente canta, esquece os maus pedaços... A mão segurava a cuia, encostada na anca. Nacib a examinava sob a sujeira. Parecia forte e disposta (AMADO, 1977, p. 119).

Eis um dos ápices da ficção, que denota o caráter de unicidade do ser tendo em vista que aquele que procurava por uma mulher que soubesse cozinhar encontrou Gabriela, uma sertaneja que sabia cozinhar (ato criativo) e isso gostava de fazer, que buscava uma oportunidade de trabalho; nota-se, então, a abertura da personagem que assim representa a autotranscendência nordestina (e da retirante que continua a ir de um lugar para outro) e a “sair de si”, a transcender-se:

- O que é que você sabe fazer? - De tudo um pouco, seu moço. - Lavar roupa? - E quem não sabe? - espantava-se. - Basta ter água e sabão. - E cozinhar? - Já fui cozinheira até de casa rica... - e novamente riu como se recordasse algo divertido. Talvez porque ela risse, Nacib concluiu que não servia. [...] Ele precisava de mulher idosa, séria, limpa e trabalhadora, assim como a velha Filomena. [...] Sabe mesmo cozinhar? - O moço me leva e vai ver... Se não soubesse cozinhar, serviria ao menos para arrumar a casa, lavar a roupa. - Quanto quer ganhar? - O moço é que sabe. O que quiser pagar... - Vamos ver primeiro o que você sabe fazer. Depois acertamos o ordenado. Lhe serve? Pra mim, o que o moço disser, tá

bom. - Então pegue sua trouxa. Ela riu novamente, mostrando os dentes brancos, limados [...]. Quando iam saindo da estrada de ferro, ele voltou a cabeça e perguntou: - Como é mesmo seu nome? - Gabriela, pra servir o senhor (AMADO, 1977, p. 120).

Assim, na alegria em existir e viver novas experiências, Gabriela parece reconhecer o seu lugar de serva – daquela que pode fazer algo por alguém. E, após a chegada no domicílio do sírio, mansamente ele vira-se afetado pelo amor quando adentrou no quarto onde ela passaria a viver – e tendo ele notado a luz ainda ligada: “[...] a viu dormida numa cadeira, os cabelos longos [...] tinham-se transformado em cabeleira solta, negra, encaracolada. [...] mostrava um pedaço de coxa cor de canela, os seios subiam e desciam levemente ao ritmo do sono, o rosto sorridente” (AMADO, 1977, p. 132).

Contudo, além da notável beleza física atribuída à Gabriela, logo em pouco tempo transcorrido, Nacib perceberá que a personagem expressa bem-estar também ao realizar valores criadores para outras pessoas, pois “Apesar da curiosidade e do receio de Nacib, o jantar da empresa de ônibus transcorreu em perfeita paz e harmonia” (AMADO, 1977, p. 145), haja vista que, como descreve Lukas (1989, p. 42): “O que a consciência descerra para o homem é sempre um sentido objetivo que conserva e aumenta os valores no mundo, e não só um sentido subjetivo a serviço da satisfação das próprias necessidades”, isso seria um sinônimo de amar.

1.3 O amor: Valor vivencial

A partir daqui, e para esta categoria analítica, vê-se que os sentimentos amorosos entre ambos personagens começam a fluir no sentido de autotranscendência, tendo “um outro” como “alvo” possível à existência e momentos preenchidos por sentido. Gabriela recebia várias propostas para largar a vida que levava e tornar-se uma “dama”, todavia, a recusa da moça sempre se fazia presente, e ela foi ficando por vontade e por escolha diante de outras escolhas e valores emergentes, pois “[...] A vida era boa, bastava viver. Quentar-se ao sol, tomar banho frio. Mastigar as goiabas, comer manga espada, pimenta morder. Nas ruas andar, cantigas cantar, com um moço dormir” (AMADO, 1977, p. 184). E, outrossim confirmado:

Mas é pena um morenã como você metida na cozinha. - Por que, seu coronel? - Estraga as mãos. Depende só de você largar as panelas. Se quiser posso lhe dar de um tudo, casa decente, muitas

empregadas, conta aberta na loja. Gosto da estampa da menina. Gabriela levantava-se, não deixava de sorrir, quase a agradecer. - Que me diz de minha proposta? - Quero não, o senhor me a [...] me desculpa. Não é por nada, não leve a mal. Tou bem aqui, não me falta nada. Me dê licença, seu coronel... (AMADO, 1977, p. 188).

Até que o sírio Nacib propõe casamento à Gabriela, que por sua vez, apesar de ir contra o comportamento esperado para uma mulher na sociedade considerando agradável a forma de relacionamento entre eles, ela aceita-lhe por esposo a partir da vivência existencial com o amor. Neste excerto pode-se pontuar a repulsa da personagem em seguir o modelo feminino vigente:

O juiz [...] pronunciou umas palavras para desejar felicidades àquele novo casal, que um amor verdadeiro unira acima das convenções sociais, das diferenças de posição e classe. [...] Agora era sua noiva, seria sua esposa, todo o respeito era pouco. Quando lhe dera a notícia, quando pedira sua mão, ela ficara a pensar: - Por que, seu Nacib? Precisa não... - Não aceita? - Aceitar, eu aceito. Mas, precisava não. Gosto sem isso. [...] O juiz os declarou casados (AMADO, 1977, p. 262).

E, em seguida, já em casa do recente casal – oficializado o enlace, Gabriela segue enquanto ser livre, de pé ao chão, apenas Gabri(ela), ela exala valor vivencial em sua relação com o sírio, pois que, não descuidou-se de si, e enlaçou-se no amor à Nacib para além da questão carnal, sem assim deixar de ser ela mesma, como ver-se-á na categoria de diferenciação, Gabriela com “cheiro de cravo e cor de canela”:

[...]. Ela sorriu, arrancou os sapatos, começou a arrumar, os pés descalços tomou-lhe da mão, repreendeu: - Não pode mais não, Bié²⁰... - O quê? - Andar sem sapatos. Agora você é uma senhora. Assustou-se: - Posso não? Andar descalça, de pé no chão? - Pode não. - E por quê? - Você é uma senhora, de posses, de representação. - Sou não, seu Nacib. Sou só Gabriela... - Vou te educar - tomou-a nos braços, levou-a pra cama. - Moço bonito... No porto, a multidão gritava, aplaudia (AMADO, 1977, p.288).

Entretanto, apesar dos dissabores que a vida de casada trazia (o que não podia ser alterado apenas por ela), Gabriela reconhece a bondade exprimida por Nacib, seu marido, sendo esse descontentamento em recorrente diálogo interno ante a expressão livre de ser humano – uma vez inspirada no plano real – nas conversas, na amizade com o garoto Tuísca, no banho de mar, ou o olhar ante o horizonte e lá distante, à lua; lançando-se ao que “está à parte de si”, transcendentemente ao misto

²⁰ Forma como Nacib, carinhosamente, chamava Gabriela.

valorativo (FRANKL, 2016 – 2020; FABRY, 1984; SANTOS, BARBOSA E AQUINO, 2021):

[...] mordida goiabas, vermelhas pitangas. Conversava horas perdidas com seu amigo Tuisca, [...]. Corria descalça na praia, os pés na água fria. Dançava roda com as crianças na praça, de tarde. Espiava o luar esperando Nacib. Viver era bom. [...]. Parecia feita de canto e dança, de sol e luar, era de cravo e canela. [...] aqui termina a história de Nacib e Gabriela quando renasce a chama do amor de uma brasa dormida nas cinzas do peito. [...] FIM (AMADO, 1977, p. 357 - 358).

Contudo, o casal ia seguindo a vida, só que Gabriela demonstra insatisfação sofrível, haja vista que as lembranças – de quando não era ainda a Senhora Saad - pairavam em sua mente perante os valores que a preenchiam de sentido, tais quais descritos:

Bom tempo era aquele. Cozinhava, lavava, a casa arrumava. Ia ao bar levando a marmitta. Uma rosa na orelha, um riso nos lábios. Brincava com todos, sentia o desejo boiando no ar. Piscavam-lhe o olho, diziam-lhe gracejos, tocavam-lhe a mão, por vezes o seio. Seu Nacib tinha ciúmes, era engraçado. Seu Nacib vinha de noite. Ela esperando, dormia com ele, com os moços todos, bastava pensar, bastava querer. Lhe trazia presentes: coisas da feira, baratezas da loja do tio. Broches, pulseiras, anéis de vidro. Um pássaro lhe trouxe que ela soltou. Sapato apertado, gostava não... (AMADO, 1977, p. 328).

E em: Andava em chinela, vestida de pobre, um laço de fita. Gostava de tudo: do quintal de goiaba, mamão e pitanga. De sol esquentar com seu gato matreiro. De conversar com Tuisca, de fazê-lo dançar, de dançar para ele. Do dente de ouro que seu Nacib mandou lhe botar. De cantar de manhã, a trabalhar na cozinha. De andar pela rua, de ir ao cinema com dona Arminda. De ir no circo quando, no Unhão, circo se armava. Bom tempo era aquele. Quando ela não era a senhora Saad, era só Gabriela. Só Gabriela (AMADO, 1977, p. 328 - 329).

Adiante, vê-se a continuidade no ser livre de Gabriela, como preconizado pela analítica existencial frankliana, quando: “[...] Gabriela ria e folgava, a cantar e a dançar. No terno de reis levaria o estandarte. Pularia fogueira [...] de São João. Folgava [...], viver era bom. Batia onze horas voltava [...] a esperar seu Nacib (AMADO, 1977, p. 427). Assim, “afetando-se” e “entregando-se” aos valores de vivência.

Categoria temática 2: Ramificações autotranscendentes em Gabriela

2.1 A afetação: Nós

Para esta categoria, traz-se a prosa sobre, como repentinamente, Nacib e Gabriela se conhecem de uma forma mais íntima em uma das noites em terra ilheense na qual expõe-se respectivamente afetação por parte de ambos - partindo da conversa entre eles, que aparece no fragmento à frente:

Fiquei acordada, esperando pro moço me dizer a comida de amanhã. Ficou tarde, vim deitar.. - Tive muito trabalho - as palavras saíam-lhe a custo. - Coitadinho... Não tá cansado? Dobrava o vestido, colocava os chinelos no chão. - Me dê, penduro no prego. Sua mão tocou a mão de Gabriela, ela riu: - Mão mais fria... Ele não pode mais, segurou-lhe o braço, a outra mão procurou o seio vendo ao luar. Ela o puxou para si: - Moço bonito... O perfume de cravo enchia o quarto, um calor vinha do corpo de Gabriela, envolvia Nacib, queimava-lhe a pele, o luar morria na cama. Num sussurro entre beijos, a voz de Gabriela agonizava: - Moço bonito... (AMADO, 1977, p. 151-152).

Neste momento narrativo também presenciamos as vivências positivas de Gabriela - quanto a categoria então destacada - tais quais: dançar livremente; partilhar; sentir-se convidada à afetação, como dito, outrora, por Ortiz (2012); quando, por exemplo, a personagem fica mais amiga do menino Tuísca que em uma das esporádicas conversas comenta sobre a chegada de um Circo em Ilhéus, e logo a moça anima-se com a notícia e possível ida.

Até que, neste meio-tempo narrativo, Gabriela consegue sair na tentativa de chegada ao circo, contudo, eis que ela encontra o personagem “Tonico Barros”, seu padrinho de casamento – e um daqueles que nutria suspiros de interesse relacional pela morena, e eis que ele dormiu, felizmente, com as pernas em cima da “anca” de Gabriela” (AMADO, 1977, p. 327). E, já entrando para a aurora do dia, e já em casa, “ao passar frente ao quarto de dormir viu Nacib agitado no sono sentindo falta de sua anca. Entrou, pôs um travesseiro sob a perna inquieta. Nacib sorria, era um moço tão bom! [...]” (AMADO, 1977, p. 327). Aqui, a rendição ao entregar-se compõem a categoria temática expressada enquanto manifestação autotranscendente da protagonista.

2.2 A entrega: Duas

Nestes últimos trechos pontua-se que: “esta manifestação, genuinamente autotranscendente, dota-se ao ser humano enquanto irrefutavelmente livre, consciente e aberto ao mundo, uma vez que pode escolher como viver [...] a sua existência e responder perante ela” entregando-se (SANTOS, BARBOSA e AQUINO, 2021, p. 16). Frisa-se ainda, que, concebida como “traidora” perante a

sociedade, em toda a trajetória da protagonista nordestina vê-se uma Gabriela interessada a vivências tal como: flerte; ser notada; sensualidade; e por que não dizer “dissimulada” ou “inocente”? Melhor, “você, eu, ela”: Gabriela, somente. Esse ponto reflete que Gabriela fora afetada pelo amor, mas será que a liberdade tolhida por Nacib não a inibiu para entregar-se à relação com ele ao ponto de entregar-se à Tonico? Nesse caso, a liberdade se sobressaiu ao amor?

2.3 A diferenciação: Você e eu

Para esta “diferenciação”, frisa-se que no decurso da obra surge Gabriela, e já modificando internamente a sua visão e sentimentos perante o esposo Nacib - em um momento a personagem pondera: “No bar ele não a queria, tanto ela gostava de ir...Tinha ciúmes, era engraçado. Não ia mais, fazia à vontade, não queria ofendê-lo, tomava cuidado. Mas por que obrigá-la a fazer tanta coisa sem graça, enjoada? Não podia entender. Seu Nacib era bom [...]” (AMADO, 1977, p.299). A personagem Gabriela considerava Nacib como um homem de boa conduta - alcançando a diferenciação - só não compreendia alguns comportamentos que destoavam do que ela realmente queria viver, freando-lhe a liberdade e as possibilidades que certamente imbuíam sentido (como prismas do mote conceitual da autotranscendência de Frankl e Ortiz). Posto isto, o apontamento mostra-se delineado de forma ampla, nos versos a seguir:

No outro dia, ao sair, ele lhe avisou: - Depois do aperitivo da tarde, venho jantar em casa, me preparar para a conferência. Quero te ver toda elegante, vestido bonito, de fazer inveja a qualquer outra. Sim, porque lhe comprara e continuava a comprar seda, sapatos, chapéus, até luvas. Dera-lhe anéis, pulseiras, colares verdadeiros, não medira dinheiro. Queria-a tão bem vestida como a senhora mais rica, como se isso apagasse seu passado, as queimaduras do fogão, o sem jeito de Gabriela. Vestidos pendurados no armário; em casa ela andava de chita, em chinelas ou descalça, às voltas com o gato e com a cozinha. Que adiantavam as duas empregadas? A arrumadeira mandara embora, para que prestava? Consentira em entregar a lavagem da roupa a Raimunda, mas fora para ajudar a mãe de Tuísca. A menina na cozinha de pouco servia. Não queria ofendê-lo. A conferência estava marcada para as oito horas, o circo também. Dona Arminda lhe dissera que essa tal de conferência não durava mais de uma hora. E Tuísca só aparecia na segunda parte do espetáculo. Era uma pena perder a primeira, o palhaço, o trapézio, a moça no arame. Mas não queria ofendê-lo, não queria magoá-lo. Pelo braço de Nacib, enfiado na roupa azul do casamento, vestida como uma princesa, os sapatos doendo, atravessou as ruas de Ilhéus e subiu, desajeitada, as escadas da intendência [...] (AMADO, 1977, p. 301).

Vemos na prosa anteposta, que Gabriela persiste na ruptura da imposição de padrões femininos à época, pois ao passo que Nacib queria ir a uma conferência – porque o sentido o evocava ou pelo lugar social que ocupara - a personagem Gabriela queria ir ao circo, divertir-se e prestigiar a apresentação de seu amigo apelidado de Tuísca. Assim, em “miúdos” logoterápicos, pode-se situar que a protagonista quer mesmo exercer suas vivências com autenticidade, isto é, enquanto oportunidade de manifestar a “diferenciação”, entre ela e o outro, como destaca a referida categoria. E ainda, como pode ser abordado no seguinte ponto, a tristeza e o “sorriso” contrapondo a existência:

Como se não existissem as pedras, os tocos, os cipós emaranhados. A poeira dos caminhos da caatinga a cobria tão por completo que era impossível distinguir seus traços. Nos cabelos já não penetrava o pedaço de pente, tanto pó se acumulara. Parecia [...] perdida nos caminhos. [...] Quando os dois grupos se encontraram, no começo da viagem, a cor do rosto de Gabriela e de suas pernas era ainda visível e os cabelos rolavam sobre o cangote, espalhando perfume. Ainda agora, através da sujeira a envolvê-la, ele a enxergava como a vira no primeiro dia, encostada, numa árvore, o corpo esguio, o rosto sorridente, mordendo uma goiaba (AMADO, 1977, p. 83-85).

Aqui, o esposo não compreende a diferenciação que mantém de Gabriela enquanto ser em liberdade e autêntico, do contrário, tenta sem êxito pô-la como dama, a dama Saad: “Por que a queres mudar! Eis o cantar de Gabriela feita de cravo e de canela” (AMADO, 1977, p. 294). No decurso narrativo, destaca-se que como ser livre que é, mas, até então não reconhecida em sua unicidade por parte de seu marido. Assim, a protagonista segue desejando ser quem se é, isso pode ser retomado na conversação com Tuísca sobre a vinda de um espetáculo circense à Ilhéus, a “última” oportunidade (do momento) assim contada:

Era o último dos circos. [...] Gabriela batia palmas com as mãos ao ouvi-lo contar as peripécias do dia, as notícias do mundo mágico do circo. - Tuísca, tu ainda vai ser um artista de verdade. Amanhã estou lá, na primeira fila. Vou convidar dona Arminda - pensava. - E vou falar com seu Nacib pra ele ir também. [...] (AMADO, 1977, p.288).

Contudo, o “destino” confrontou a personagem quando a mesma informou e convidou Nacib para “vivenciar” possivelmente sentido na ida ao circo, e ele recusou-se a aceitar, e mais, a permitir que Gabriela fosse. Como justificativa o sírio disse-lhe que haveria um outro compromisso destinado à data do dia seguinte: “Amanhã não dá jeito. Amanhã vamos os dois a uma conferência. - Uma o que, seu Nacib? - Conferência, Bié [...]” (AMADO, 1977, p.289).

Assim, mesmo tendo Gabriela posicionado-se e questionado a não aceitação, o esposo mostrou-se irredutível à proposta, além do que, novamente firma em dizer que ela deve ser uma senhora, e respeitável – como as pessoas esperavam que fosse socialmente – no Nordeste:

Quer dizer que não posso? - Que fazer? - Ir no circo amanhã? Vou com dona Arminda. Retirou a mão que acariciava: - Já te disse que comprei entradas para nós dois. - Ele fala, a gente ouve. Gosto não. Gosto de nada não. Gente nos trinques, mulheres enjoadas, gosto não. Circo é tão bom! Deixa eu ir, seu Nacib. Outro dia vou na conferência. - Não pode, Bié - novamente a acariciava. - Não tem conferência todo dia... - Nem circo... - Na conferência não pode faltar. Até já perguntam porque você não vai a lugar nenhum. Todo mundo fala, não está direito. - Mas quero ir, sim. No bar, no circo, andar na rua. - Só quer ir onde não deve. É só o que você quer fazer. Quando é que você vai meter na cabeça que é minha mulher, que eu casei com você, que é a senhora de comerciante estabelecido, abastado? [...] (AMADO, 1977, p.297).

Eis que Gabriela tendo acompanhado Nacib à conferência em um certo momento escolhe escapar e ir até o circo para prestigiar o amigo e atender ao chamado da vida em (lembrando-nos também do valor de atitude, haja vista que só existe quando não se pode mudar a situação; e do valor vivencial também a partir da rendição à afetação e entrega ao circo (postas nos discursos antecessores), e não detendo-se “na reação de Nacib se viesse a saber, nos comentários dos que a vissem passar” (AMADO, 1977, p. 318), isto é, cônica dos riscos que a sua escolha, porventura envolviam (lembramos da consciência como órgão do sentido – Frankl). Assim, na façanha, ao som de ritmos e música, Gabriela foi empurrada - por um bêbado dançante - para um salão de festa, entretanto, ao ser vista por conhecidos, ela inventa que trazia um recado, pois:

[...] O relógio marcava pouco mais de nove e meia. Àquela hora mulher casada já não saía sozinha nas ruas de Ilhéus. Só prostituta. Nem pensou nisso. [...]. Naquela noite, porém, ela voltara a ser a mesma de outrora. Seu calor o queimava, fogueira ardente, chama impossível de apagar, fogo sem cinza, incêndio de suspiros e ais [...] (AMADO, 1977, p. 315).

Ademais, consonantemente, a liberdade da personagem se mostra de forma privada e imposta pelo ideário de matrimônio social e vivência pessoal, chegando Gabriela a questionar-se sobre a escolha da união civil – e não àquela, referente à traição com Tônico Barros - do conhecimento sobre si mesma, e das possibilidades perdidas que podem incutir sentido para ela: “Por que casara com ele? Era ruim ser casada, gostava não... Vestido bonito, o armário cheio. [...]. E o que ia fazer com esse

mundo de coisas?” (AMADO, 1977, p. 330).

E assim, nos trechos, percebe-se a resistência da mulher nordestina que queria fazer, criar, viver, e enfim, ser; à parte isto, a personagem Gabriela sofre vivências de preconceito e rejeição por parte de outras mulheres e também de demais personagens da narrativa, sendo pelo seu modo de falar – sotaque; de vestir-se; comportar-se; usar a criatividade; e/ou viver mesmo, que conflue-se ainda, em “não poder andar descalça”, “rir”, “falar”, ou realizar ‘mínimos’ atos existenciais típicos de sua singularidade, como tais notados pelo narrador, em:

Do que gostava, nada podia fazer... Roda na praça com Rosinha e Tuísca, não podia fazer. Ir ao bar, levando a marmita, não podia fazer. Rir pra seu Tônico, pra Josué, pra seu Ari, seu Epaminondas? Não podia fazer. Andar descalça no passeio da casa, não podia fazer. Correr pela praia, todos os ventos em seus cabelos, descabelada, os pés dentro d'água? Não podia fazer. Rir quando tinha vontade, fosse onde fosse, na frente dos outros, não podia fazer. Dizer o que lhe vinha na boca, não podia fazer. Tudo quanto gostava, nada disso podia fazer. Era a senhora Saad. Podia, não (AMADO, 1977, p. 331-332).

Porém, perante o sofrimento, em se tratando de experiências valorativas e autotranscendentes pontua-se ademais textos que protagonizam Gabriela: “[...], que podia fazer?, o fim do ano estava chegando. Com bumba-meu-boi, com terno de reis, pastorinhas, presépios, ah! disso gostava. Na roça saíra de pastorinha [...] - Pra levar a bandeira, o estandarte dos reis, só dona Gabriela” (AMADO, 1977, p. 342), ou seja, tolhendo-lhe a liberdade e causando-lhe sofrimento. Por outro lado, Nacib já sabendo da “traição” de Gabriela com Tônico, e mesmo preso à más recordações, pondera até que, em concordia, anulam o matrimônio e “[...] Foi assim que a senhora Saad voltou a ser Gabriela” (AMADO, 1977, p. 352), isto é, sem o compromisso do casamento e do que este incutia, ou melhor, sem a preocupação em categorizar-se socialmente; mas, de outro modo, permitindo o exercício ao ser e em ser livre.

4.2 “BAIÃO DE DUAS”: RESULTADOS E DISCUSSÕES

Por fim, em um primeiro momento esmiuçamos as categorias analíticas presentes no cordel sobre a cangaceira Maria Bonita (Jairo Mozart) e em um segundo momento, no romance sobre Gabriela (Jorge Amado). O leitor perceberá que os valores ligam-se, haja vista que as classes de temas escolhidos dialogam-se - (i) emersos no próprio “movimento autotranscendente”. Vimos, a autotranscendência: na

diferenciação (Maria Bonita *versus* Lampião)/(Gabriela *versus* Nacib); na afetação (amor por Lampião/amor por Nacib) e da entrega (à vida no Cangaço/ao ofício de cozinheira); e transitaram pela criação/arte (costura; xaxado/gastronomia; dança) e pela vivência/amor (Expedita; busca por trabalho, o amigo Tuísca:). Assim, a tarefa de cada uma se mostrou irrepetível, isto é, conforme o sentido encontrado em cada situação intransponível. Isto quer dizer que mesmo que outras personagens expressassem as mesmas *ramificações autotranscendentes* e/ou os mesmos *valores existenciais*, Maria Bonita seria a única a realizar tais feitos da forma que o fez, e Gabriela também seria a única a os fazer da forma que fez, pois existiria outra Maria Bonita como “ela”, outro cordel *Maria Sempre Bonita?* E *Gabriela?* Seria a mesma? O romance? Teria outra cheiro de *cravo* e cor de *canela*? Jorge Amado só fez uma.

E no que diz respeito ao valor de atitude, perante o sofrimento: saída de casa pelo casamento arranjado; saída de casa devido à seca - determinante social, mas elas a “obrigação de escolha permanecia possível” - não que a autotranscendência ocorra com o êxodo, mas que esse pode oportunizar àquela. Nisto, vê-se o amadurecimento pessoal e literário das personagens, pois, recordamos Fabry (1984, p. 94-95) ao considerar o “agir” como:

O mais importante, no entanto, é o terceiro caminho para o sentido na vida: mesmo uma vítima sem recursos, numa situação sem esperança, enfrentando um destino que não pode mudar, pode erguer-se acima de si mesma, crescer para além de si mesma e, assim, mudar-se a si mesma. Pode transformar a tragédia pessoal em triunfo.

Assim, vimos consoante a Análise existencial que é possível ao sujeito exprimir a sua liberdade e se lançar à busca e encontro com o sentido, este, em brevíário, plausível de concretude no mundo, que foi clarificando-se para as personagens por meio dos referentes de sentidos. Nisto, percebe-se como as protagonistas Gabriela, e Maria Bonita, partem à procura de liberdade de si, dos outros, e de suas condições massacrantes – mulher/nordestina, e por meio da luta pelo outro (Maria Bonita) ou da lida na labuta (Gabriela), o sentido transcendentemente pode ser encontrado.

Em ambas têm-se: duas retirantes em busca de sentido e de amor na seca do nordeste; belas: “Maria Bonita” fora apelidada assim, pela imprensa, graças aos atributos do que a sociedade internalizou como belo citada por Nascimento (2015, p. 17/81) como de baixa estatura, com cabelos e olhos escuros, com cor da pele morena clara, atraente, o corpo “bem feito” e nariz afilado, aparentando semelhanças

físicas com Gabriela “morena cor de cobre” – estrofe I; uma é fiel ao companheiro (Virgolino); a outra trai (Nacib); uma vai contra os poderes estatais da sociedade e fiel a si é castigada, a outra inverte fiel a si e continua a vida; uma entrega a filha para que essa não padeça, a outra não fala em ser mãe; uma inconformada com Zé (ex- esposo de Maria), a outra com Clemente (um homem apaixonado por Gabriela, que a acompanha na estrada para Ilhéus); uma quer “voltar ao sertão”, a outra quer “ficar na cidade”²¹.

Ambas transcendem: encontram sentido no amor – valor vivencial – aos personagens Lampião e Nacib; encontram sentido no sofrimento – valor atitudinal – desgarrando-se das amarras sociais; encontram sentido no trabalho – valor criativo – seja pelo “ofício” de cangaceira, seja pela ocupação de cozinheira (aqui lembramos dos valores que elas permitiram e emanam por aí... seja através da memorial “Casa Jorge Amado” – Ilhéus-BA; seja pelo turismo à gruta de Angico. Uma renova-se na outra no tempo e no espaço literário, cultural e vivencial. Por fim, ao passo que Maria Bonita fenece em 1938 na posição de cangaceira, companheira e amante – aqui como aquela que ama, que quer muito; Gabriela brota em 1958, na decisão em ser cozinheira, acompanhante e bem-amada – aqui como aquela a quem se quer muito.

²¹ Inversão em alusão à música: Como nossos pais – Belchior.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Quando a seca matava, e a fome não dava pra se falar de amores, onde cai o pranto do homem [...], nesse mesmo canto está nascendo flores.

(Marinês)

A literatura permite encontros e desencontros. A cangaceira Maria Bonita foi e continua sendo e existindo entre nós, o seu legado perpetua na beleza de sua existência, apesar da tragicidade; no mesmo estado de graça, logo se vê a sina de Gabriela, que não contente a firmar-se em livro, abre-se ao mundo egressa com pé descalço e peito firme, o coração alado. É neste ponto que percebermos o encontro entre as duas personagens nordestinas.

As análises, ora cruzam-se, ora destoam-se, mas apresentam protagonistas representativas do Nordeste, pois, considera-se que partindo da análise (da) dupla enquanto expressões autotranscendentes pode-se também situá-las como mulheres (únicas) da nossa “Paraíba Feminina, Mulher Fêmea sinsinhora”. Sabe-se que, as obras objetos de nosso estudo cada qual em sua peculiaridade há muito foram e ainda são usadas à compreensão literária e cultural, todavia, foi exatamente uma nova abordagem com base nos feitos de Gabriela e de Maria Bonita que nos conduziu ao fenômeno da autotranscendência em seu viés analítico-existencial a partir de personagens.

Destaca-se que o estudo não esgota-se, pelo contrário continua (em movimento como a própria autotranscendência) dado ao interesse das renovadas produções hermenêuticas sobre a literatura e a cultura, sobre Maria e Gabriela. tendo em vista que na voz de Garcia (2003, p. 20 apud SOUZA, 2009, p. 122), “o conhecimento não se fecha, [...], se abre em múltiplas possibilidades; e o texto, se já estava aberto à (também) múltiplas interpretações, permanecerá assim, instigando o imaginário de cada um de nós, e inclusive, a nossa consciência crítica”. Afinal, como diria o poeta Manoel de Barros: “Não precisa do fim para chegar”.

Nisto, a presente produção acadêmica deixa a abertura para outras relações que poderiam compor, por exemplo, outras classes temáticas direcionadas às “proximidades nordestinas entre as personagens: a deslocabilidade; a religiosidade; a culturalidade” e aos Sentidos: Sofrimento; Amor; e Trabalho, preludiados no doce

mistério que Antônio Amaury Correia de Araújo poetizou na cena seguinte:

Flechadas por cupido ou propiciando ao deus do amor o treinamento de sua pontaria no coração de seu eleito, elas ajudaram a tornar mais amena a existência dos guerreiros no mundo [...] queimado pelo sol ardente, qual tocha de fogo suspensa na vastidão do céu, com os mandacarus, facheiros, xique-xique, coroas de frade, alastrado, unhas de gato, defendendo o solo, o mundo de invernos intensos, com as chuvaradas transformando regos em riachos, riachos em rios e rios em um lençol infindável e intransponíveis (ARAÚJO,1984, p.26).

Assim, destacou-se percorrível o caminho até aqui, no cerne da abertura decorosa para a união que pode ser exaltado por um lado na Literatura brasileira ficcional: através de uma literatura canônica, erudita e poética; e de uma literatura de cordel, popular e social; por outro, na Hermenêutica da Logoterapia e Análise Existencial de Viktor Frankl. Assim, neste estudo, conduzimos nossa atenção à luz dos pressupostos da teoria frankliana quanto aos demasiados elementos logoterápicos concentrados nas narrativas, com a finalidade de compreendermos como a transcendência manifestou-se em ambas personagens em um diálogo que não deixa de espelhar a mulher nordestina.

As experiências de vida conhecidas a partir da escrita ou representação são formas de apreender significados que culminam na própria existência dando-nos a possibilidade de conhecermos a nós mesmos. Como dito no capítulo 1 A forma contada ou a forma como as contamos, interferirá na significação que surge e que envia um convite rasgado em sua ponta, por onde escorre a nossa própria vida conciliando e resgatando o “real” perdido, imaculado e quem sabe despontado no encontro entre Marias e Gabrielas²² da nossa realidade, do nosso Nordeste e do mundo afora.

A dimensão noética favoreceu este trabalho, com afetação e entrega, sendo a literatura mesma uma fonte inspiradora, pois foi mais do que uma criação nossa, um mosaico, com retratos de todas as pessoas que estão nos agradecimentos, a mais, Jairo Mozart, Jorge Amado, Maria, Gabriela, “Gonzagão”, Frankl, Nós... todos. Estamos valorando o mundo dando algo a ele, o fruto do estudo criativo. Na vivência, tivemos a da escrita, dos sentimentos que acompanharam-nos, das emoções: boas e

²² Diz-se que, Maria Bonita existiu em pessoa real, e Gabriela foi inspirada artisticamente em uma mulher baiana conhecida por Jorge Amado.

não – humanas, mas experiencialmente únicas; dadas aos leitores sempre de forma renovada, a cada um também diferente que pode reconhecer-se ou não, nesta obra autotranscendente. E, luz... câmara... “ação”... literatura é (re)agir como mulher nordestina que sou, e esta produção é “filha parida”, como Expedita doada... com valor atitudinal acertada: só a mim cabia o sacrifício de fazê-la. Pode até ter parecida, mas igual, igual não tem.

REFERÊNCIAS

- AMADO, Jorge. **Gabriela, cravo e canela: crônicas de uma cidade do interior**. 53ª ed. Rio, São Paulo, Record, 1977.
- ARAÚJO, Antônio Amaury Corrêa de. **Lampião, as Mulheres e o Cangaço**. São Paulo: Traço Editora, 1984.
- BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. São Paulo: Edições 70, 2011.
- BARTHES, Roland. **Mitologias**. Roland Barthes; tradução de Rita Buongermino e Pedro de Souza. – 11ª ed. – Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2001.
- BONEZ, Lucas de Melo. **Uma análise sociológica em Gabriela, cravo e canela: a política do Brasil no início do século XX**. Revista Práxis Instituto de Ciências Humanas, Letras e Artes, vol. 2, julho - dezembro, pp. 60-69. Centro Universitário Feevale. Novo Hamburgo, 2005.
- BRUGGE, Úrsula Lima. **Gabriela, Cravo e Canela: subjetividade feminina e resistência na obra de Jorge Amado**. (Tese de doutorado em Educação) – PPGE, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2015.
- BRUZZONE, Daniele. **Afinar la conciencia. Educación y búsqueda de sentido a partir de Viktor Frankl** – 1ª ed. – Buenos Aires: San Pablo, 2011.
- CANDIDO, Antonio. **O direito à literatura**. In: *Vários escritos*. 3. ed. rev. ampl. São Paulo: Duas cidades, 1995.
- FABRY, Joseph B. **A busca do significado. Logoterapia e vida**. - São Paulo: Editora Cultura Espiritual - ECE, 1984.
- FRANKL, Viktor Emil. **Aplicações práticas da logoterapia**. – São Paulo: ECE, 1990.
- _____. **A psicoterapia na prática**. Trad. Cláudia M. Caon. Campinas, SP: Papyrus, 1991.
- _____. **Em busca de Sentido: Um Psicólogo no Campo de Concentração**. Ed. 25ª. Ed. Petrópolis: Vozes, 2008.
- _____. **A Vontade de Sentido: Fundamentos e Aplicações da Logoterapia**. 1. Ed. São Paulo: Paulus, 2011a.
- _____. **Conceitos Básicos de Logoterapia. Ser e o sentido**. Mens Sana. 2011b.
- _____. **Logoterapia e análise existencial: textos de seis décadas**. Tradução Marco Antônio Casanova. – Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2014.

_____. **O sofrimento de uma vida sem sentido.: caminhos para encontrar a razão de viver.** Trad. Karleno Bocarro. - 1 ed. - São Paulo: É realizações, 2015.

_____. **Teoria e Terapia das neuroses: introdução à logoterapia e à análise existencial.** Trad. Claudia Abeling. - 1 ed. - São Paulo: É realizações, 2016a.

_____. **Psicoterapia e sentido da vida: fundamentos da logoterapia e análise existencial** / Viktor Frankl; Tradução de Alípio Maia de Castro - 6ª ed. - São Paulo: Quadrante, 2016b.

_____. **Psicoterapia e existencialismo: Textos selecionados em logoterapia** / Viktor Frankl; tradução Ivo Studart Pereira; revisão técnica Heloísa Reis Marino. – 1. Ed. – São Paulo: É Realizações, 2020.

GUBERMAN, Marta; SOTO, Eugenio Pérez. **Diccionario de logoterapia.** 1.a ed. - Buenos Aires: Lumen Hvmánitas, 2005.

KROEFF, Paulo. **Possibilidades e desafios da pessoa com deficiência: contribuições da Logoterapia e da teoria sistêmica.** Ribeirão Preto: IECVF, 2012.

LUKAS, Elizabeth. **Logoterapia “A força desafiadora do espírito”: Métodos de Logoterapia.** Editora Leopoldianum. Edições Loyola. São Paulo, 1989.

_____. **Prevenção psicológica: A prevenção de crises e a proteção do mundo interior do ponto de vista da Logoterapia.** Trad. Carlos Almeida Pereira. Vozes/Editora Sinodel. Petrópolis São Leopoldo, 1992.

MACHADO, Ana Paula. **Gabriela, cravo e canela no instagram: uma perspectiva feminista interseccional.** Projeto de Pesquisa de Criação Midiática do curso de Pós-Graduação em Linguagens e Educação a Distância, Centro de Comunicação e Expressão, Universidade Federal de Santa Catarina – Polo de Treze Tílias, SC, para obtenção do título de especialista em Linguagens e Educação. Florianópolis 2019.

MELLO, Frederico Pernambucano de. **Guerreiros do sol: violência e banditismo no Nordeste do Brasil.** – 5 ed. – São Paulo: A Girafa, 2011.

NASCIMENTO, Geraldo Maia do. **Amantes Guerreiras: “A presença da mulher no Cangaço”.** 2ª ed. Sebo Vermelho edições: Natal, 2015.

NASCIMENTO, Aline Santos de Brito. **Erotismo e Identidade negra na obra amadiana Gabriela, Cravo e Canela.** [113] GARRAFA. Vol. 16, n. 44, 2018.

OLIVEIRA, Guerda Míria Torres. **A presença da mulher no cangaço.** Monografia apresentada à cadeira de pesquisa histórica, junto a Universidade Federal do Rio Grande do Norte, tendo como orientador o professor Wicliffe de Andrade Costa. Natal -1996.

ORTIZ, Efrén Martínez Ph. d. **El diálogo Socrático em la Psicoterapia.** 2da. Edición. Ampíada y revisada. Ediciones SAPS, Bogotá Colombia, 2012.

_____. **Coaching Existencial. Basado em los principios de Viktor E. Frankl.** Sociedad para el avance de la Psicoterapia Centrada em el Sentido. Bogotá - Colômbia, 2014

PEREIRA, Jairo Mozart. **A História do Cordel em Cordel/Cordel** de Jairo Mozart. – Brasília: Entrelivros, 2006.

_____. **Maria Sempre Bonita/Cordel** de Jairo Mozart – Brasília: Ed. do autor, 2015. 20 p.

PEREIRA, Ivo Studart. **Espírito e liberdade na obra de Viktor Frankl.** *Psicologia USP*, vol. 26, nº 3, Fortaleza, 2015. Disponível em: < www.scielo.br/pusp >. Acesso em: setembro, 2020.

PINTOS, Claudio García. **A logoterapia em contos: o livro como recurso terapêutico.** Ed. Paulus, São Paulo, 1999.

QUEIROZ, Ana Patrícia Cavalcanti. **O Patriarcalismo em “Gabriela, Cravo e Canela”:** **O estilhaçar do ritual ideológico radical.** Revista Travessias. Vol. 10, N-02, 27 Ed. 2016.

ROCHA, David Rodrigo da; SOUZA, Fabielle Tavares de. **Percepções sobre sentido da vida e autotranscendência na pessoa com paraplegia adquirida.** Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao curso de Psicologia, da Faculdade Uninassau. Campina Grande, 2019.

SANTOS, Gilvan de Melo. **Memórias de uma ex-cangaceira: a última entrevista de Maria Adília.** Saeculum (UFPB), v. 17, p. 141-151, 2007.

SANTOS, Gilvan de Melo; BARBOSA, Gutenberg Germano; AQUINO, Tiago A. Avellar de. **Logoterapia na prática: intervenções clínicas sob a perspectiva da análise existencial de Viktor Emil Frankl./** Gilvan de Melo Santos, Gutemberg Germano Barbosa, Tiago A. Avellar de Aquino (Organizadores). – Campina Grande: EdUEPB, 2013.

SANTOS, Gilvan de Melo. **Imaginário do Cangaço: da poética carolíngia ao folheto de cordel e cinema.** Letras & Letras (Online), v. 30, p. 161-176, 2014a.

_____. **Dos versos às cenas: O cangaço no folheto de cordel e no cinema.** Campina Grande: Ed. Marcone, 2014b.

_____. **A trajetória fílmica do cangaceiro urbano: de Lima Barreto a Eduardo Coutinho.** REBECA. Revista Brasileira de Estudos de Cinema e Audiovisual, v. 08, p. 01-33, 2015.

SANTOS, Gilvan de Melo; SÁ, Lorena Bandeira Melo de. (Orgs.). **Da Teoria à Prática: A dimensão social da Logoterapia.** 1ª ed. João Pessoa: Ideia, 2016.

SANTOS, Paulo Roberto Alves dos; Lima, Edilene da Silva Lima. **A realidade sociocultural da região cacaueira no romance: confluências entre a história e a literatura.** Revista do Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade de Passo Fundo, v. 16, n. 2, 2020.

SOUZA, Fabielle Tavares de. **Mozart e Maria. Entrevista telefônica com Jairo Mozart.** Campina Grande, 2021.

SOUZA, Aldinida de Medeiros Souza (Org.). **Literatura e linguagem: estudos críticos.** Aldinida Medeiros (Org.). João Pessoa: Ideia, 2009.

WERNER, Priscila Cardoso. **Entre cravo e canela a opressão era da Gabriela: a violência no corpo feminino como banalidade da dominação masculina.** Seminário Internacional Fazendo Gênero 11 & 13th Women's Worlds Congress (Anais Eletrônicos), Florianópolis, 2017.

Site Jairo Mozart. Disponível em: < <https://www.jairomozart.org/> >. Acesso em: janeiro 2021.

ANEXOS

ANEXO 1 - Cordel *Maria Sempre Bonita* (Jairo Mozart, 2015)



I

Vou falar d'uma sertaneja baiana
Da Fazenda Malhada lá do Caiçara
De origem muito simples, joia rara.
Um exemplo de mulher muito bacana
Pelo jeito que viveu foi soberana
E tinha um olhar altivo e nobre
Com sua pele morena cor de cobre
Que pela voz do povo foi comentada!
*“Sujeita esquentada e enjoada
Não existe nessa terra quem a dobre”.*

II

Filha de dona déa e Zé Felipe
Maria Bonita casou muito cedo
Assim, ao sair de casa teve medo
Mas a vida lhe deu esse pontapé.
Que sem maturidade foi um golpe
Com marido que era um sapateiro
E trabalhava o dia inteiro
Sem filhos porque ele era estéril!
A vida do casal ficou difícil
Com uma relação de furdunheiro.

III

E pra casa dos pais ela fugia
E n'uma dessas Lampião a conheceu
À primeira vista amor aconteceu
Pelo caminho que Lampião fazia.
Pra visitar seus pais com alegria
Já que sentia por eles amizade
Que era sincera em realidade.
E em pouco tempo Lampião voltou!
E o casamento se concretizou
Partindo Maria sem deixar saudade.

IV

Maria deixou a casa de seus pais
Para mudar a história do país
Quando decidiu viver com Lampião
Com a imagem da mulher tendo razão.
E na jornada trabalhou com coração
E o sertão arcaico do nordeste
Abriu espaço pra mulher valente
No lugar da mulher digna de pena!
Surgiu a corajosa e serena
Como improvisado feito no repente.

V

A Maria Gomes de Oliveira
Conhecida como Maria Bonita
É hoje considerada ativista
Com história que não é brincadeira
Musa da Mulher Rendeira
Foi quem rompeu barreiras no passado
Deixando o machismo desolado
Com a aparição da Cangaceira !
Que por amor, de Lampião foi parceira,
Passando a cavalgar ao seu lado.

VI

Depois de sua entrada no cangaço
Quase quarenta mulheres a seguiram
Importantes mudanças aconteceram
Mágica transformação de nó em laço.
Trazendo a mulher um novo espaço
Modificando muita coisa no sertão
No Cangaço: guerra e amor em comunhão.
Foi quem mudou o rumo da história !
Que pras mulheres foi uma vitória
E para o Cangaço a renovação.

VII

Pesquisadores falam de atributos
 Dizendo que ela era vaidosa
 Dengosa, brava e voluptuosa
 E muitas vezes dada a xingamentos.
 Em função de determinados momentos
 Só que nunca escondeu sua meiguice
 Talvez herança de sua meninice
 Desgarrada das amarras sociais !
 Pois na infância corria nos quintais
 Justificando a sua peraltice.

VIII

Foi mulher bandoleira livre e forte
 Que rompeu paradigmas d'uma época
 Repressiva ditatorial e louca
 Bem determinada e com muita sorte.
 Tendo apenas o bando de suporte
 Pra viver um amor, uma aventura.
 N'uma vida de prazer e amargura
 Resistiu digna e fielmente !
 Sua história hoje bem presente
 Sempre enfatiza sua formosura.

IX

(1920)

Maria Bonita em nova decisão
 Separa-se do seu novo marido
 Buscando novo rumo em seu mundo
 Era mulher inquieta e de ação.
 Que seguia impulsos sem emoção
 E pra casa dos pais ela voltou
 E Lampião com um vazio ficou
 Seguiu em frente sem perder o amor!
 No sertão quente e com muito calor
 E ela, arrependida, retornou.

X

Ela recebeu muitas homenagens
Em forma de filmes e literaturas
Peças teatrais e xilogravuras
Que a nossa cultura trouxe vantagens.
Feito chuva que no campo traz pastagens
Também dezenas de músicas surgiram
Moda, fotografia se expandiram
Enaltecendo a musa sertaneja !
Mostrando a sua vida de peleja
Com opção de escolha que preferam.

XI**(1930)**

Os informes chegavam às redações
Contadas pelos chefes de polícia
Quase sempre de forma fictícia
Que muitas vezes cortavam os corações.
Porque de fato mudavam as versões
Em todos os jornais das capitais
Isso não deveria existir jamais
Só que até hoje o fato continua!
A verdade deve ser nua e crua
Por sorte é que nem todos são iguais.

XII

Por isso Virgulino era tratado
Como facínora e sanguinário
Um ser inferior e ordinário
E parceiro de um capeta alado
Sem ter nada pior a ser comparado.
Enquanto a Literatura de Cordel
Sempre em sextilha cumpria seu papel
Fazendo de Lampião grande vencedor !
Herói que o sertanejo deu valor
Igual abelha que defende o seu mel.

XIII

Toda mulher que entrava no Cangaço
 Um cangaceiro devia acompanhar
 Porque proteção não podia lhe faltar
 Bem garantida com bala no espaço
 Na escuridão deixando longo traço
 No sertão seguiam tempo inteiro
 Quando morria o seu companheiro
 Com outro homem garantia sua vida!
 Eram eles que faziam a comida
 Pois com mulher cangaceiro foi cordeiro

XIV**(1935)**

Maria foi destacada na imprensa
 Quando em Pernambuco foi baleada
 Tiro nas costas a deixou estragada
 Muito ferida sofreu com dor intensa.
 A sua cura comentário dispensa
 Foi luta cangaceiros e polícia
 Ela sobreviveu, virou notícia.
 Que passou imagem de guerreira !
 E destemida tal qual a curupira
 D'um jornalismo feito com malícia.

XV

Apesar da história conturbada
 Ela não deixou seu lado feminino
 Usando o que recebeu de ensino
 Quando Maria déa era chamada.
 Tempo que vivia com a criançada
 Aprendendo bordar sem muita ânsia
 No seu pouco tempo de infância
 Que certamente foi um bom momento
 Feito um ponto de luz no firmamento
 Que na grandeza mostra existência.

XIII

Ela entrou pra história do Brasil
 E ficou eternamente Bonita
 Quem pesquisou sua vida acredita
 Que tinha arma, mas sempre foi gentil.
 Com todo povo do sertão azul anil
 Nos oito anos que no Cangaço passou
 Bem mulher foi amada e amou
 Virou rainha, figura lendária !
 Que apesar de ter vida precária
 Muito respeito ela conquistou.

XVII

Quatro vezes Maria engravidou
 Trêm morreram e uma sobreviveu
 Foi a parteira Rosa quem resolveu
 E a menina Expedita chegou.
 Ela foi a herdeira que restou
 E se criou com pais adotivos
 Lampião e Maria tinham motivos
 Como todos os outros do seu bando !
 Pois bebês nasciam de vez em quando
 E só assim podiam mantê-los vivos.

XVIII

O bebê foi entregue a um casal
 Amigos de confiança do Cangaço
 Por eles Lampião dava seu braço
 Dedicção com amigos era normal.
 Lutando com os que queriam fazer mal
 Pelos favores por eles concedidos
 E por isso não seriam esquecidos
 Tal qual moeda d'um miaeiro !
 Com dona de casa e um Vaqueiro
 Expedita teve pais merecidos.

XIX
(1938)

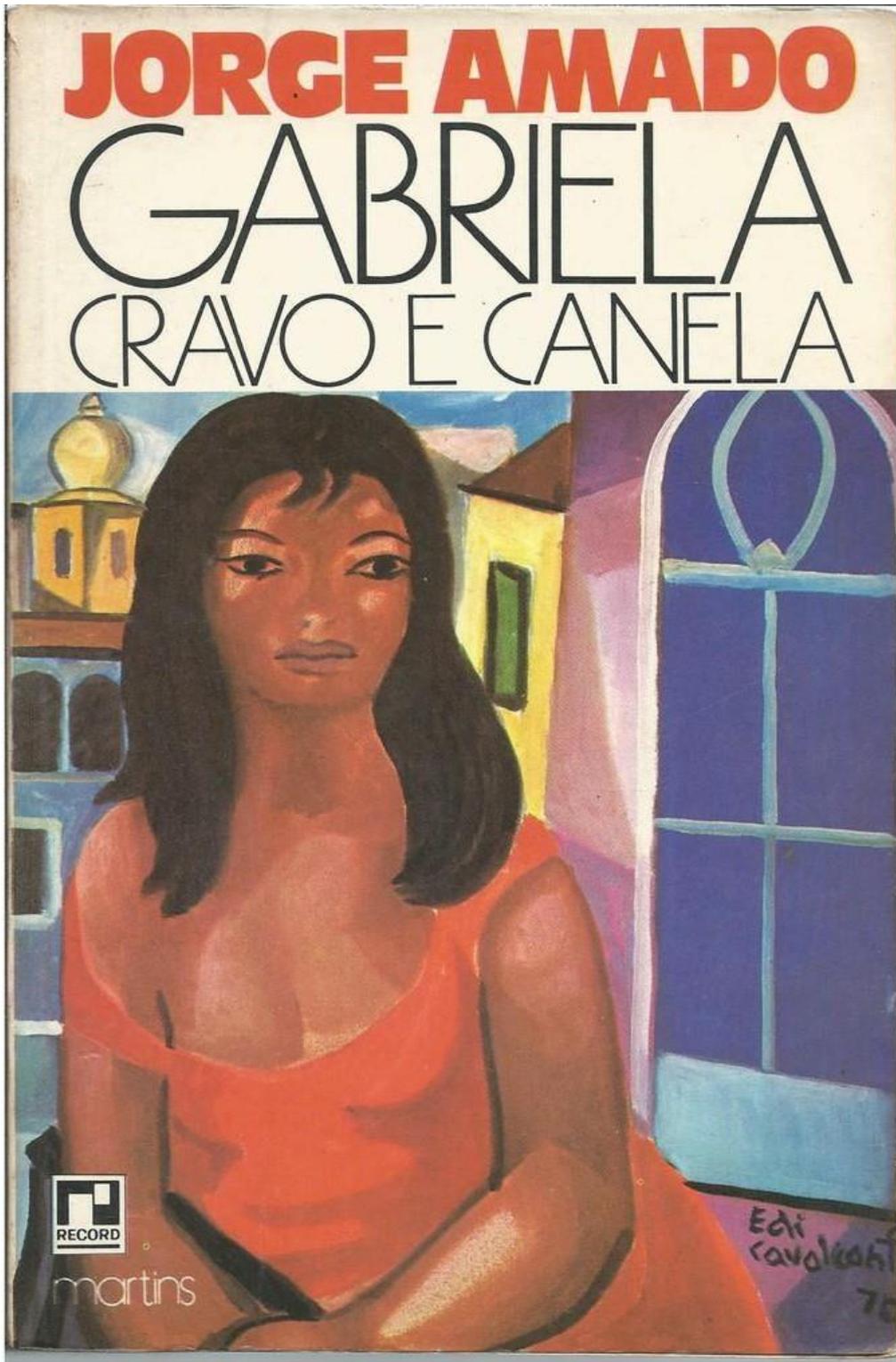
A Maria Bonita muda de plano
Em uma emboscada, assassinada.
E também cruelmente decapitada
Juntamente com Lampião sem engano.
N'um ato bem violento e profano
E nenhuma honra dos que
atacaram
Estavam dormindo todos que
mataram
Em ato covrve não há esperteza!
De como acontece na natureza
E assim, o Cangaço, finalizaram.

XX

Dia Oito de Março ela nasceu
Se não foi destino foi acaso
Seja lá o que for não vem ao caso
Importante é o que aconteceu.
A história não desapareceu
E o planeta comemora com você
Com diferenças que podem acontecer
No dia Internacional da Mulher!
E amor e equilíbrio que se quer
Pra ver a vida nesse mundo florescer.

FIM.

ANEXO 2 – Excertos de *Gabriela, cravo e canela* (Jorge Amado, 1977)



[...] Naquele tempo, no rastro do cacau dando dinheiro, chegavam à cidade de alastrada fama, diariamente, pelos caminhos do mar, do rio, e da terra, nos navios, nas barcaças e lanchas, nas canoas, no lombo dos burros, a pé abrindo picadas, centenas e centenas de nacionais e estrangeiros oriundos de toda parte [...] (AMADO, 1977, p. 39).

Perguntara pelo porto, [...] não sabiam por acaso de uma cozinheira? Nacib nem se deu ao trabalho de ir ao “mercado dos escravos”, [...] onde se amontoavam os retirantes vindos do sertão, fugitivos da seca, em busca de trabalho [...] - Cozinheira? Nem pense. Nem boa nem ruim. Na fábrica de chocolate ganham mais. Nem adianta procurar. Voltou a Ilhéus, cansado e sonolento. A estas horas, o bar já devia estar aberto e, com o dia de feira, movimentado. Necessitando de sua presença, de suas atenções para com os fregueses, sua animação, sua simpatia [...] (AMADO, 1977, p. 63).

A paisagem mudara, a inóspita caatinga cedera lugar a terras férteis, verdes pastos, densos bosques a atravessar, rios e regatos, um alambique, plantações de cana balançando ao vento. [...]: menos de um dia de marcha e estariam em Ilhéus, a viagem de pavores terminada, uma nova vida a começar. [...] (AMADO, 1977, p. 83).

Num vai procurar trabalho? [...]. É melhor esperar, não demora e logo aparece gente pra contratar. Tanto pra trabalhar nas roças de cacau ou na cidade [...], a fama de Ilhéus corria mundo, os cegos cantavam suas grandezas nas violas, [...]. Os bandos de imigrantes desciam do sertão, a seca nos seus calcanhares, abandonavam a terra árida onde o gado morria e as plantações não vingavam, tomavam as picadas em direção ao sul. [...] Chegavam dizimados, restos de famílias, quase mortos de cansaço, mas os corações pulsavam é de esperança naquele dia derradeiro de marcha. [...] Alguns quase se arrastavam, sustentados apenas pela esperança. Só Gabriela parecia não sentir a caminhada, seus pés como que deslizando pela picada muitas vezes aberta na hora a golpes de facão, na mata virgem (AMADO, 1977, p. 83-85).

[...] Quanto a ele, buscava apenas uma mulher não muito moça, séria, capaz de assegurar-lhe a limpeza da pequena casa da ladeira de São Sebastião, a lavagem da roupa, a comida para ele, os tabuleiros para o bar. Nisso estivera o dia inteiro, andando de um lado para o outro [...]. Nacib buscava entre as sertanejas alguma parecida com Filomena, mais ou menos de sua idade, com seu jeito resmungão (AMADO, 1977, p. 115).

Meu Deus, onde encontrar cozinheira? [...]. Nacib chegara. [...]. A mulher levantou o braço, sacudiu a mão, voltou-se novamente para a anciã, recebeu a cuia vazia. Ia retirar-se, Nacib perguntou-lhe, ainda na admiração da velha alquebrada: - É sua avó? - Não, moço - parou e sorriu, e só então Nacib constatou tratar-se realmente de uma jovem, porque os olhos brilhavam enquanto ela ria. [...]. A gente canta, esquece os maus pedaços... A mão segurava a cuia, encostada na anca. Nacib a examinava sob a sujeira. Parecia forte e disposta (AMADO, 1977, p. 119).

- O que é que você sabe fazer? - De tudo um pouco, seu moço. - Lavar roupa? - E quem não sabe? - espantava-se. - Basta ter água e sabão. - E cozinhar? - Já fui cozinheira até de casa rica... - e novamente riu como se recordasse algo divertido. Talvez porque ela risse, Nacib concluiu que não servia. [...] Ele precisava de mulher idosa, séria, limpa e trabalhadora, assim como a velha Filomena. [...] Sabe mesmo cozinhar? - O moço me leva e vai ver... Se não soubesse cozinhar, serviria ao menos para arrumar a casa, lavar a roupa. - Quanto quer ganhar? - O moço é que sabe. O que quiser pagar... - Vamos ver primeiro o que você sabe fazer. Depois acertamos o ordenado. Lhe serve? Pra mim, o que o moço disser, tá bom. - Então pegue sua trouxa. Ela riu novamente, mostrando os dentes brancos, limados [...]. Quando já iam saindo da estrada de ferro, ele voltou a cabeça e perguntou: - Como é mesmo seu nome? - Gabriela, pra servir o senhor (AMADO, 1977, p. 120).

Mas é pena um morenão como você metida na cozinha. - Por que, seu coronel? - Estraga as mãos. Depende só de você largar as panelas. Se quiser posso lhe dar de um tudo, casa decente, empregada, conta aberta na loja. Gosto da estampa da menina. Gabriela levantava-se, não deixava de sorrir, quase a agradecer. - Que me diz de minha proposta? - Quero não, o senhor me a [...] me desculpa. Não é por nada, não leve a mal. Tou bem aqui, não me falta nada. Me dê licença, seu coronel... (AMADO, 1977, p. 188).

O juiz [...] pronunciou umas palavras para desejar felicidades àquele novo casal, que um amor verdadeiro unira acima das convenções sociais, das diferenças de posição e classe. [...] Agora era sua noiva, seria sua esposa, todo o respeito era pouco. Quando lhe dera a notícia, quando pedira sua mão, ela ficara a pensar: - Por que, seu Nacib? Precisa não... - Não aceita? - Aceitar, eu aceito. Mas, precisava não. Gosto sem isso. [...] O juiz os declarou casados (AMADO, 1977, p. 262).

[...]. Ela sorriu, arrancou os sapatos, começou a arrumar, os pés descalços tomou-lhe da mão, repreendeu: - Não pode mais não, Bié²⁰... - O quê? - Andar sem sapatos. Agora você é uma senhora. Assustou-se: - Posso não? Andar descalça, de pé no chão? - Pode não. - E por quê? - Você é uma senhora, de posses, de representação. - Sou não, seu Nacib. Sou só Gabriela... - Vou te educar - tomou-a nos braços, levou-a pra cama. - Moço bonito... No porto, a multidão gritava, aplaudia (AMADO, 1977, p.288).

[...] mordida goiabas, vermelhas pitangas. Conversava horas perdidas com seu amigo Tuísca, [...]. Corria descalça na praia, os pés na água fria. Dançava roda com as crianças na praça, de tarde. Espiava o luar esperando Nacib. Viver era bom. [...]. Parecia feita de canto e dança, de sol e luar, era de cravo e canela. [...] aqui termina a história de Nacib e Gabriela quando renasce a chama do amor de uma brasa dormida nas cinzas do peito. [...] FIM (AMADO, 1977, p. 357 - 358).

Fiquei acordada, esperando pro moço me dizer a comida de amanhã. Ficou tarde, vim deitar.. - Tive muito trabalho - as palavras saíam-lhe a custo. - Coitadinho... Não tá cansado? Dobrava o vestido, colocava os chinelos no chão. - Me dê, penduro no prego. Sua mão tocou a mão de Gabriela, ela riu: - Mão mais fria... Ele não pode mais, segurou-lhe o braço, a outra mão procurou o seio vendo ao luar. Ela puxou para si: - Moço bonito... O perfume de cravo enchia o quarto, um calor

vinha do corpo de Gabriela, envolvia Nacib, queimava-lhe a pele, o luar morria na cama. Num sussurro entre beijos, a voz de Gabriela agonizava: - Moço bonito... (AMADO, 1977, p. 151-152).

No outro dia, ao sair, ele lhe avisou: - Depois do aperitivo da tarde, venho jantar em casa, me preparar para a conferência. Quero te ver toda elegante, vestido bonito, de fazer inveja a qualquer outra. Sim, porque lhe comprara e continuava a comprar seda, sapatos, chapéus, até luvas. Dera-lhe anéis, pulseiras, colares verdadeiros, não medira dinheiro. Queria-a tão bem vestida como a senhora mais rica, como se isso apagasse seu passado, as queimaduras do fogão, o sem jeito de Gabriela. Vestidos pendurados no armário; em casa ela andava de chita, em chinelas ou descalça, às voltas com o gato e com a cozinha. Que adiantavam as duas empregadas? A arrumadeira mandara embora, para que prestava? Consentira em entregar a lavagem da roupa a Raimunda, mas fora para ajudar a mãe de Tuísca. A menina na cozinha de pouco servia. Não queria ofendê-lo. A conferência estava marcada para as oito horas, o circo também. Dona Arminda lhe dissera que essa tal de conferência não durava mais de uma hora. E Tuísca só aparecia na segunda parte do espetáculo. Era uma pena perder a primeira, o palhaço, o trapézio, a moça no arame. Mas não queria ofendê-lo, não queria magoá-lo. Pelo braço de Nacib, enfiado na roupa azul do casamento, vestida como uma princesa, os sapatos doendo, atravessou as ruas de Ilhéus e subiu, desajeitada, as escadas da intendência [...] (AMADO, 1977, p. 301).

Como se não existissem as pedras, os tocos, os cipós emaranhados. A poeira dos caminhos da caatinga a cobria tão por completo que era impossível distinguir seus traços. Nos cabelos já não penetrava o pedaço de pente, tanto pó se acumulara. Parecia [...] perdida nos caminhos. [...] Quando os dois grupos se encontraram, no começo da viagem, a cor do rosto de Gabriela e de suas pernas era ainda visível e os cabelos rolavam sobre o cangote, espalhando perfume. Ainda agora, através da sujeira a envolvê-la, ele a enxergava como a vira no primeiro dia, encostada, numa árvore, o corpo esguio, o rosto sorridente, mordendo uma goiaba (AMADO, 1977, p. 83-85).

Era o último dos circos. [...] Gabriela batia palmas com as mãos ao ouvi-lo contar as peripécias do dia, as notícias do mundo mágico do circo. - Tuísca, tu ainda vai ser um artista de verdade. Amanhã estou lá, na primeira fila. Vou convidar dona Arminda - pensava. - E vou falar com seu Nacib pra ele ir também. [...] (AMADO, 1977, p.288).

Quer dizer que não posso? - Que fazer? - Ir no circo amanhã? Vou com dona Arminda. Retirou a mão que acariciava: - Já te disse que comprei entradas para nós dois. - Ele fala, a gente ouve. Gosto não. Gosto de nada não. Gente nos trinques, mulheres enjoadas, gosto não. Circo é tão bom! Deixa eu ir, seu Nacib. Outro dia vou na conferência. - Não pode, Bié - novamente a acariciava. - Não tem conferência todo dia... - Nem circo... - Na conferência não pode faltar. Até já perguntam porque você não vai a lugar nenhum. Todo mundo fala, não está direito.

- Mas quero ir, sim. No bar, no circo, andar na rua. - Só quer ir onde não deve. É só o que você quer fazer. Quando é que você vai meter na cabeça que é minha mulher, que eu casei com você, que é a senhora de comerciante estabelecido, abastado? [...] (AMADO, 1977, p.297).

[...] O relógio marcava pouco mais de nove e meia. Àquela hora mulher casada já

não saía sozinha nas ruas de Ilhéus. Só prostituta. Nem pensou nisso. [...]. Naquela noite, porém, ela voltara a ser a mesma de outrora. Seu calor o queimava, fogueira ardente, chama impossível de apagar, fogo sem cinza, incêndio de suspiros e ais [...] (AMADO, 1977, p. 315).

Bom tempo era aquele. Cozinhava, lavava, a casa arrumava. Ia ao bar levando a marmitta. Uma rosa na orelha, um riso nos lábios. Brincava com todos, sentia o desejo boiando no ar. Piscavam-lhe o olho, diziam-lhe gracejos, tocavam-lhe a mão, por vezes o seio. Seu Nacib tinha ciúmes, era engraçado. Seu Nacib vinha de noite. Ela esperando, dormia com ele, com os moços todos, bastava pensar, bastava querer. Lhe trazia presentes: coisas da feira, baratezas da loja do tio. Broches, pulseiras, anéis de vidro. Um pássaro lhe trouxe que ela soltou. Sapato apertado, gostava não... (AMADO, 1977, p. 328).

Andava em chinela, vestida de pobre, um laço de fita. Gostava de tudo: do quintal de goiaba, mamão e pitanga. De sol esquentar com seu gato matreiro. De conversar com Tuísca, de fazê-lo dançar, de dançar para ele. Do dente de ouro que seu Nacib mandou lhe botar. De cantar de manhã, a trabalhar na cozinha. De andar pela rua, de ir ao cinema com dona Arminda. De ir no circo quando, no Unhão, circo se armava. Bom tempo era aquele. Quando ela não era a senhora Saad, era só Gabriela. Só Gabriela (AMADO, 1977, p. 328 - 329).

Do que gostava, nada podia fazer... Roda na praça com Rosinha e Tuísca, não podia fazer. Ir ao bar, levando a marmitta, não podia fazer. Rir pra seu Tônico, pra Josué, pra seu Ari, seu Epaminondas? Não podia fazer. Andar descalça no passeio da casa, não podia fazer. Correr pela praia, todos os ventos em seus cabelos, descabelada, os pés dentro d'água? Não podia fazer. Rir quando tinha vontade, fosse onde fosse, na frente dos outros, não podia fazer. Dizer o que lhe vinha na boca, não podia fazer. Tudo quanto gostava, nada disso podia fazer. Era a senhora Saad. Podia, não (AMADO, 1977, p. 331-332).